

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

ELDA CINTRA LEITE

PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO: O DISCURSO DE/SOBRE ALCOÓLICOS

CÁCERES-MT
2019

ELDA CINTRA LEITE

PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO: O DISCURSO DE/SOBRE ALCOÓLICOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGL/UNEMAT), como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Linguística, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Luiza Artiaga Rodrigues da Motta.

CÁCERES-MT
2019

Luiz Kenji Umeno Alencar CRB 1/2037

LEITE, Elda Cintra.

L533p Processo de Identificação: O Discurso de/Sobre
Alcoólicos / Elda Cintra Leite – Cáceres, 2019.
76 f.; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso
(Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação Stricto
Sensu (Mestrado Acadêmico) Linguística, Faculdade de
Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade
do Estado de Mato Grosso, 2019.

Orientador: Ana Luiza Artiaga Rodrigues da Motta

1. Sujeito. 2. Discurso. 3. Alcoolismo. 4. Processo de
Identificação. 5. Análise de Discurso. I. Elda Cintra Leite.
II. Processo de Identificação: O Discurso de/Sobre
Alcoólicos:

CDU 81'42:178.1

ELDA CINTRA LEITE

PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO: O DISCURSO DE/SOBRE ALCOÓLICOS

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Luiza Artiaga Rodrigues da Motta – Orientadora
PPGL – UNEMAT

Profa. Dra. Águeda Aparecida da Cruz Borges – Convidada
ICHS – UFMT

Profa. Dra. Olimpia Maluf-Souza – Convidada
PPGL – UNEMAT

Profa. Dra. Sandra Raquel de Almeida Cabral Hayashida – Convidada/Suplente
ProfLetras – UNEMAT

APROVADA EM: 12/06/2019.

*Com todo meu carinho, aos meus pais, Paulo e
Márcia e à minha irmã, os quais sempre estiveram
ao meu lado.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por permitir-me realizar um dos meus sonhos.

Agradeço aos meus pais, Paulo e Márcia, à minha irmã, Sara, por apoiarem e acreditarem na conclusão do meu trabalho.

Agradeço ao meu namorado, Thadeu, por sempre incentivar e desejar-me o melhor.

A todos os meus familiares que torceram pelo sucesso desta caminhada.

Agradeço à minha orientadora, Ana Luíza, tanto pelos ensinamentos acadêmicos quanto pelo acolhimento.

Sou grata aos meus amigos, por compartilhar momentos de alegria, lágrimas e companheirismo.

Aos professores do PPGL/UNEMAT, por ensinarem não só sobre Linguística, mas também por transmitirem o conhecimento sobre profissionalismo.

Obrigada aos meus colegas de sala, pela troca de experiências e pela companhia.

Aos membros da banca examinadora, pelas contribuições enriquecedoras.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso (FAPEMAT), pela disponibilização da bolsa.

À UNEMAT.

RESUMO

Neste trabalho, inscrevemo-nos na linha de pesquisa *Estudo de Processos Discursivos*, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística, da Universidade do Estado de Mato Grosso. Discutimos os processos de identificação do sujeito alcóolico, a partir de depoimentos divulgados em sites da internet. O interesse em trabalhar com depoimentos sobre o alcoolismo decorre da própria relação do sujeito com a sociedade, de sentidos que o entrecruzam quando afetado pela doença do alcoolismo. O trabalho, à luz da teoria da Análise de Discurso francesa, se divide em três capítulos pelos quais construímos uma reflexão teórica e analítica sobre o período sócio histórico de produção da bebida alcoólica, a industrialização e os efeitos ideológicos sobre o sujeito. Discutimos a posição-sujeito como alcóolico, significado em distintos depoimentos. Assim, pela mobilidade da língua, dos efeitos de sentido do discurso, trabalhamos as noções teóricas de *sujeito*, condição de produção, *formação discursiva*, *formação imaginária* e o *processo de identificação* do sujeito pelo discurso. O *corpus* é constituído por depoimentos, previamente, selecionados de blogs, sites de internet e o texto *Doze Tradição de Alcoólicos Anônimos* (AA). Procuramos, pelas análises, compreender o modo como o sujeito, na posição de alcóolico, se inscreve, no/pelo discurso, em diferentes formações discursivas, de modo que é pelo funcionamento da língua, o lugar possível de se compreender o processo de identificação do sujeito.

Palavras-chave: Sujeito, Discurso, Alcoolismo, Processo de identificação, Análise de Discurso.

ABSTRACT

In this work we are part of the research line *Study of Discursive Processes* of the Stricto Sensu Postgraduate Program in Linguistics of the State University of Mato Grosso. We discuss the processes of identification of the alcoholic subject, based on testimonies disclosed on Internet sites. The interest in working with statements about alcoholism stems from the subject's own relation to society, from meanings that cross him when affected by the disease of alcoholism. The work, in the light of the theory of French Discourse Analysis, is divided into three chapters by which we construct a theoretical and analytical reflection on the socio-historical period of production of alcoholic beverage, industrialization and the ideological effects on the subject. We discuss the position-subject as alcoholic, meaning in different testimonials. Thus, by the mobility of the language, the effects of sense of discourse, we work the theoretical notions of subject, production condition, discursive formation, imaginary formation and the process of identification of the subject by discourse. The corpus consists of testimonials, previously selected from blogs, internet sites, and the text *Twelve Tradition text of Alcoholics Anonymous* (AA). Through analysis, we try to understand how the subject, in the position of alcoholic, is inscribed in the discourse in different discursive formations. So it is through the functioning of the language, the possible place to understand the process of identification of the subject.

Keywords: Subject, Speech, Alcoholism, Identification Process, Speech Analysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	11
A HISTORICIDADE DO ALCOOLISMO E SEUS EFEITOS DE SENTIDO ...	131
1.1 O alcoolismo considerado como doença	16
1.2 Fatores de risco ao alcoolismo.....	20
1.3 Diagnóstico do alcoolismo	22
1.4 A constituição dos Alcoólicos Anônimos no Brasil	24
CAPÍTULO II	31
O DISCURSO SOBRE OS AA	31
CAPÍTULO III	45
EFEITOS DE SENTIDO SOBRE A DEPENDÊNCIA DO ÁLCOOL	45
3.1 Uma história que não cessa de produzir sentidos: O Alcoolismo e seus efeitos ..	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71

INTRODUÇÃO

O alcoolismo constitui, na sociedade, uma questão discursiva importante que tange o sujeito e que mobiliza pesquisas de distintas áreas. Neste trabalho, o interesse pela questão do alcoolismo recai sobre o estudo da linguagem, em compreender, pelo discurso, o processo de constituição do sujeito, de interpelação e de individuação, pelos efeitos do alcoolismo.

As leituras iniciais, sobre a temática do alcoolismo, se demarcam na graduação, no Curso de Letras, em nosso projeto de Iniciação Científica. Examinar o funcionamento do discurso *do* e *sobre* o alcoolismo requer, necessariamente, compreender o processo sócio histórico, as condições de produção do produto, a industrialização, o modo de interpelação e os efeitos ideológicos sobre o sujeito. Pelo gesto de interpretação, nas análises, torna-se possível compreender diferentes gestos de interpretação sobre a dependência do álcool, os quais nos fazem questionar o modo como o sujeito se inscreve e se significa sobre a sua própria dependência e a do outro. Assim, “[...] entender o Outro, o diferente é primordial para que se possa construir qualquer que seja o projeto visando a proposição de alternativas de contribuições/transformações e outros aspectos relacionados à vida.” (BORGES, p. 84)¹.

Para tanto, este trabalho se constrói por alguns questionamentos que se verticalizam sobre a língua, o sujeito e a história. A saber: como pensar, a partir do discurso, as formações imaginárias, os efeitos de sentido e ideológicos, produzidos sobre a posição sujeito alcoólicos? Como se constituem os processos de identificação e os modos de individuação do sujeito alcoólico, pelo funcionamento da língua?

Para desenvolvermos nosso trabalho, tomamos como referencial teórico-metodológico a Análise de Discurso de linha francesa, que tem como precursores, Michel Pêcheux, na França, e Eni Orlandi, no Brasil. Assumir essa posição teórica implica compreender o discurso, pois a Análise de Discurso nos ensina que o sentido não é determinado pelo sujeito que diz, mas sim pelo efeito produzido no outro. Esse discurso só pode ser constituído por um atravessamento da memória discursiva, da

¹ BORGES, A. A. C. Identificação/Subjetivação do Índio Xavante na cidade de Barra do Garças/MT – Alteridade Irredutível? Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/%C3%81gueda%20Aparecida%20da%20Cruz%20Borges.pdf Acesso em 27/05/2019.

história e da ideologia, fatores constitutivos do discurso, que afetam a construção linguística e que fazem com que o sentido migre, deslize e não seja sempre o mesmo.

Trazemos, como *corpus* de análise, Sequências Discursivas (SDs) dos recortes de depoimentos de alcoólicos², previamente selecionados, de blogs, de sites da internet como: Grupo Tranquilidade, Blog da Kika Castro, Alcoolismo, Gshow e texto das Doze Tradições - Alcoólico Anônimo (AA). Ao delimitarmos o nosso *corpus*, pela teoria da Análise de Discurso, compreendemos a necessidade do trabalho pelo discurso, como o objeto de leitura e de análises. É pela materialidade discursiva que o analista toma como um corpo teórico analítico, o discurso. Assim, partimos da noção de discurso definido por Pêcheux ([1969] 1997, p. 82), como “[...] efeitos de sentido entre os interlocutores”. Na perspectiva discursiva, a língua não é transparente, a ideologia produz a evidência dos sentidos à literalidade.

Pelo discurso, teremos acesso ao modo de funcionamento da linguagem e mobilizaremos as noções teóricas de posição-sujeito, condições de produção, formação imaginária, formação discursiva, processo de identificação dentre outros.

Nessa direção, dividimos esta pesquisa, estruturalmente, em três capítulos, que se interligam pelas relações entre língua, sujeito, história, na relação com o discurso sobre o alcoolismo. Os capítulos propõem distintos trajetos de leituras, de recortes e de análises do discurso sobre o alcoólico.

No primeiro capítulo, traçamos um percurso de leitura que reflete a respeito da história do alcoolismo, compreendendo-a não só em uma ordem cronológica, mas como uma historicidade, acontecimentos discursivos, buscando historicizar a constituição da bebida alcoólica em determinadas condições de produção e que significam, ainda, na sociedade atual. Num desdobramento da história, esse capítulo tratou do processo discursivo do alcoolismo considerado como doença, pela Associação Médica, como também as fases da doença que o sujeito perpassa e o modo como o sujeito se constitui.

Ainda, no primeiro capítulo, abordamos os fatores que podem direcionar o sujeito ao alcoolismo, os questionários/testes elaborados por psiquiatras e aplicados sobre os sujeitos que ingerem bebidas alcoólicas e o percurso dos grupos dos Alcoólicos Anônimos (doravante AA), no Brasil. O objetivo foi o de dar visibilidade, pela

² No site dos Alcoólicos Anônimos, o termo *alcoólico* é utilizado para referir-se ao dependente do álcool. Disponível em: <https://www.aa.org.br/index.php/sobre-o-a-a/categorias/noticias-de-a-a/61-mais-sobre-a-doenca-do-alcoolismo> Acesso em: 28/05/2019.

linguagem, à forma como o sujeito alcoólico é significado pela ciência e tomado pelo discurso da instituição dos AA.

No segundo capítulo, mostramos como a análise se desdobrou sobre os discursos nos recortes do depoimento constituído por uma alcoólica anônima, do Grupo Tranquilidade (instituição dos AA). Compreendemos que os dizeres, tomados como uma materialidade discursiva, produzidos pela alcoólica produzem sentidos a partir das condições de produção. Pela formulação da alcoólica anônima, compreendemos, pelas análises, os efeitos de sentido produzidos sobre si, sobre o seu marido, sobre os AA e o espaço da instituição dos AA. Para produzir a análise deste capítulo, fundamentamo-nos nos conceitos de *formação imaginária*, *formação discursiva*, *processos de identificação*, *memória discursiva*, entre outros, que nos permitiram, pelo gesto de interpretação, compreender o processo de constituição do sujeito.

Para compreendermos as diferentes condições de produção, que circulam sobre o alcoolismo, apresentamos, no terceiro capítulo, um conjunto de dizeres, em recortes de depoimentos, produzidos por alcoólicos, retirados de sites da internet. Analisamos o modo como o alcoolismo é constituído no discurso do alcoólico. Esse capítulo se constitui também de análises do depoimento de um dependente em recuperação. Observamos, discursivamente, o jogo da linguagem, o modo como o sujeito, na posição de ex-consumidor, produz efeitos de sentido sobre o alcoolismo.

Os depoimentos referidos em nosso trabalho apresentam condições de produção distintas, o que torna, a nosso ver, a pesquisa produtiva, no sentido de compreendermos, pelos gestos de interpretação, a posição do analista de discurso em relação ao campo de leitura e de interpretação. Compreendemos que o discurso torna-se o espaço possível de se construir uma reflexão teórica e analítica sobre o modo de funcionamento da linguagem.

Assim, construímos esta Dissertação pensando o sujeito em sua relação com a sociedade, interpelado a se significar. Em suma, é no e pelo discurso, pela movência da linguagem, que constituímos sentidos e (nos) significamos.

CAPÍTULO I

A HISTORICIDADE DO ALCOOLISMO E SEUS EFEITOS DE SENTIDO

Este capítulo tem como proposição discutir, de forma breve, o percurso sócio histórico sobre o álcool, o modo de produção e de significação desse produto na sociedade. O álcool, em sua constitutividade, reverbera sentidos, acontecimentos, que incidem sobre o sujeito, seu modo de vida, saúde e doença em distintas condições de produção que vêm desde tempos longínquos ao contemporâneo.

De acordo com Cruz (2017)³, a produção de bebidas alcoólicas remete ao período Neolítico. Enquanto o consumo (de álcool) registra-se há mais de oito mil anos, época em que as bebidas eram ainda produzidas por fermentação. Garattoni (2008)⁴ diz que, na China, por volta do ano 8000 a. C., produziu-se a primeira bebida alcoólica fermentada que continha a mistura de arroz, mel, uvas e cereja. Nesse percurso, criou-se a cerveja, uma bebida destinada a elite, consumida pelos aristocratas com canudos de ouro. A bebida entra também como uma estratégia, funciona como moeda de troca para os trabalhadores que, na construção da pirâmide de Gizé, no Egito, eram recompensados com 5 litros de cerveja por dia. A cerveja representava o “pão líquido”, ou seja, o alimento que dava energia aos operários, para trabalharem arduamente.

A literatura pontua que o rei Tutancâmon embriagou-se com 26 jarras de vinho e por consequência morreu, em 1300 a.C. Por volta do ano 1000 a.C., o álcool já era consumido por todas as civilizações, da África à Ásia.

O vinho, em Roma, passou a ser produzido em grande escala, pois sua exportação gerava lucro para as províncias do império. E logo, os romanos descobriram outra utilidade do álcool, que servia de estratégia de defesa perante os inimigos, disfarçavam que eram amigos e ofereciam vinho para o povo beber. Os romanos acreditavam que, em função da ressaca, era mais fácil derrotá-los.

Cruz (2017) cita outro exemplo de embriaguez, a de Noé, na passagem bíblica Gênesis 9.21, que relata sobre a vida do personagem bíblico, que, em seguida ao dilúvio, plantou vinha e produziu o vinho, consumiu a bebida e embriagou-se. Michelangelo, pintor renascentista, inspirou-se na história de Noé para pintar um afresco, no teto da Capela Sistina, do Vaticano. Ainda, segundo Cruz (*op.cit*), o vinho

³ CRUZ, L. A. História do álcool. 2017. Disponível em: <http://www.alcoolismo.com.br/historia/> Acesso em: 24/10/2018.

⁴ GARATTONI, B. Dez mil anos de Pileque – a história da bebida. 2008. Disponível em: <https://super.abril.com.br/saude/dez-mil-anos-de-pileque-a-historia-da-bebida/> Acesso em: 25/10/2018.

era considerado uma bebida típica de eventos sociais e celebrações religiosas – representando o sangue de Cristo.

O vinho, para o povo do Egito, era considerado uma bebida que poderia trazer cura, assim, o produto era comercializado em forma de medicamento para fins de eliminar os germes e parasitas. Outro fato importante deve-se ao período da Idade Média, em que, a comercialização do vinho e da cerveja cresceu, e, conseqüentemente, o consumo e a embriaguez. Estes, em excesso, passam a ser um ato de pecado para a igreja e digno de condenação.

Conforme Garattoni (*op.cit*), no Brasil, no século XIV, a produção de cachaça foi proibida, por outro lado, Portugal garante o mercado local para a exportação, venda dos vinhos, que, por vezes, se dá de maneira clandestina para Angola, nesse comércio, o escravo constitui como moeda de troca. Segundo o autor, essa prática também foi exercida pelos ingleses, em que 5,2 milhões de litros de bebida foram trocados por 60 mil africanos, entre 1680 e 1713. Nesse percurso, tem-se a Revolução Industrial como um marco, no mercado de produção da bebida alcoólica, o produto tornou-se acessível e, conseqüentemente, a produção e o consumo passaram a ser em maior quantidade, a exemplo, o ano de 1830, em que se constata que cada americano ingeria 10 litros de álcool puro por ano.

De acordo com Sales (2010)⁵, durante o século XIX surgem várias medidas legais contra o uso excessivo de bebidas alcoólicas. Na Suécia e Noruega, foram adquiridas uma série de decretos, como, eliminação das destilarias domésticas, autorização de produção às grandes usinas de destilação, desde que seguissem a regulamentação e a fiscalização impostas sobre a fabricação e o comércio das bebidas. O mercado de produção reverbera sentidos sobre a permissão e a limitação dos lugares de venda de bebida alcoólica, expropriação mediante a indenização aos donos dos botequins, arrendamento das casas de molhados a varejo às sociedades de temperança que detinham o monopólio da venda das bebidas alcoólicas. O sistema de acréscimo das taxas sobre a produção de bebidas alcoólicas foi utilizado em diversos países: Inglaterra, França, Alemanha, Bélgica e nos Estados Unidos. Na Europa, foram criados códigos penais que fiscalizavam a responsabilidade do consumidor no momento do delito, os quais permitiam prender e multar pessoas que se apresentavam embriagadas em público.

⁵ SALES, E. Aspectos da história do álcool e do alcoolismo no século XIX. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernosdehistoriaufpe/article/view/110065/21988> Acesso em: 24/10/2018.

Desse modo, o mercado capitalista muda a relação e a posição do sujeito com o consumo da bebida. Podemos notar o modo como cada nação produz, pelo movimento discursivo, a instituição jurídica – a lei. Houve uma crença de que, a partir da lei imposta sobre os sujeitos, diminuiria o consumo do álcool. Para Sales (2010)⁶, do ponto de vista psiquiátrico, a legislação penal seria eficaz no combate ao alcoolismo, somente se operasse na repressão à venda de bebidas falsificadas e impuras. Das relações entre o vendedor e o consumidor, caberia a penalidade aos vendedores por contribuir com o consumo excessivo dos clientes e fornecer bebidas alcoólicas aos menores.

Nessa linhagem, a repreensão à embriaguez pública, caberia punição mais severa aos reincidentes e a embriaguez manifestada em lugares como tribunais, igrejas, assembleias públicas ou quando representasse perigo para outra pessoa. Em outras palavras, tem-se um atravessamento ideológico, constitutivo dos efeitos da bebida, da embriaguez e seus danos à sociedade. Assim, o fato de se privar da bebida em público ressoa, no campo da medicina, como possibilidade de coibir o sujeito a possíveis delitos. O autor afirma que os psiquiatras sustentaram a ideia da criação de asilos especiais para os alcoólicos, pois esses profissionais, da área da saúde, alegavam que era uma medida preventiva diante dos perigos do alcoolismo.

Segundo Sales (2010), o primeiro asilo para alcoólicos surgiu nos Estados Unidos e, também, inaugurado na Europa em 1851. Em 1898, a Inglaterra estabeleceu o princípio da internação forçada aos consumidores de bebida alcoólica que, sob a influência do álcool, cometessem atos punidos pela lei penal comum. Para reincidentes em delitos, por motivos de excesso a bebida, e aos dependentes que viessem oferecer perigo individual e social.

De acordo com Sales (*op.cit*), desde o começo do século XIX, a sociedade de temperança norte-americana apresentava preocupação com o uso excessivo da bebida, o que culminou em duas concepções, uma mais tolerante ao consumo de álcool e outra mais radical. O lado da proibição promoveu uma ampla propaganda contra a indústria de bebida alcoólica apontando os efeitos decorrentes do consumo.

Garattoni (2008)⁷ afirma que o governo dos EUA, no começo do século XX, arrecadava mais de 50% sobre os impostos de bebidas alcoólicas. Embora o lucro sobre

⁶ SALES, E. Aspectos da história do álcool e do alcoolismo no século XIX. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernosdehistoriaufpe/article/view/110065/21988> Acesso em: 24/10/2018.

⁷ GARATTONI, B. Dez mil anos de Pileque – a história da bebida. 2008. Disponível em: <https://super.abril.com.br/saude/dez-mil-anos-de-pileque-a-historia-da-bebida/> Acesso em: 25/10/2018.

as bebidas rendessem para o país, o Congresso aprovou a proibição, em todo o país, da fabricação e da venda de bebidas alcoólicas, conhecido como “Lei Seca”, em 1920. O autor explica o processo da consolidação da igualdade de direitos entre os sexos, marcando a força dos movimentos feministas. Data-se que, em 1933⁸, a lei é revogada, determinando poderes a cada Estado norte-americano. No continente europeu, a França, por exemplo, investiu no combate ao alcoolismo, criando um programa moralizador que se baseava nas pesquisas dos psiquiatras Legrain e Valentin Magnan, os quais defendiam a ideia de que o alcoolismo atingia não só os alcoólicos, mas estendia-se a toda sociedade, devido à assistência que lhes eram oferecidas.

No Brasil, segundo Sales (2010), a intervenção ao uso excessivo de bebidas alcoólicas ocorreu no final do século XIX, tomando mais força no início do século XX. O consumo de álcool provocava uma ameaça à estrutura social, pois era considerado como destruidor dos trabalhadores. O álcool impedia que o indivíduo não cumprisse com seu papel de pai, de administrador familiar, de civilidade e de patriotismo. Em outras palavras, o alcoolismo contribuía para o declínio do trabalho e do trabalhador, uma vez que o país dependia dessa mão de obra. Segundo a autora, o alcoólico causava custos altos para o Estado, como gastos hospitalares, destinados também aos filhos que nasciam doentes por consequência do efeito do álcool instaurado nos pais dependentes. A situação se agravou ao ponto de gerar um estigma forte, construtor da exclusão social e de auto exclusão dos dependentes, considerados como doentes e criminosos que deveriam ser adestrados ou isolados do convívio social.

Consta, nos escritos de Cruz (2017), que somente no século XX, no ano de 1952, o consumo excessivo de bebida alcoólica passou a ser considerado como uma doença. Houve a busca obstinada em vincular o consumo de álcool apenas à questão biológica, moralizante, em que os fatores socioculturais, parte constitutiva do sujeito, eram irrelevantes.

Para compreendermos como se dá o movimento, as mudanças, as condições políticas e sociais sobre o alcoolismo, remetemos ao modo como o Estado trabalha em relação à sociedade. Segundo Silva (2015, p. 34)⁹, há uma busca incessante do Estado por “[...] uma unicidade de poder de controle e de assujeitar o sujeito”, isto é, “o Estado

⁸ SALES, E. Aspectos da história do álcool e do alcoolismo no século XIX. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernosdehistoriaufpe/article/view/110065/21988> Acesso em: 24/10/2018.

⁹ SILVA, E. G. Os sentidos de proibição, prevenção e conscientização sobre o uso de drogas no Brasil nos discursos da Lei 11.343. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Mato Grosso. Cáceres. 2015.

busca maneiras de silenciar as diferenças de cada sujeito”, como um modo de transformá-los em uma “massa homogênea de fácil controle”, então, o que notamos, pela leitura, refere-se à procura de uma política hierárquica de poder, constituindo divergências entre sujeitos e instituições, constitutivas do Estado.

Refletindo, ainda, sobre a intervenção do uso excessivo de bebidas alcoólicas, remetemos aos escritos de Silva (*op.cit.*, p. 38), que trata da constituição das drogas lícitas e ilícitas. “O embate discursivo entre lícito e ilícito se constituiu nos EUA [...] e é resultado da aliança entre os modelos explicativos oriundos da medicina e da farmacologia científica, ligados ao ponto de vista jurídico-legal”. Não há, conforme a autora, como “[...] dizer que nossa sociedade tem uma relação específica com “as drogas”, mas, discursivamente, ela tem uma relação paradoxal com essas substâncias”. Isto se deve ao fato de algumas serem indicadas e até anunciadas por meio da mídia, incentivando o uso, já outras são banidas e condenadas. Então, o que distingue o lícito e o ilícito são os métodos de controle do Estado, sentidos constituídos historicamente.

Ainda, conforme Silva (*op.cit.*), as políticas de Estado, que verticalizam sobre a questão das drogas, produzem o efeito de proibição, de controle. Para a autora, há a posição médica, que também determina sentidos distintos, em algumas situações, de usuários de drogas como dependentes ou loucos, os quais necessitam de um controle. Como diz Maluf-Souza (2000, p. 99)¹⁰, “A questão do alcoolismo sempre foi considerada fator causal da doença mental, ou seja, o álcool, junto com outras drogas, sempre foi considerado fator desencadeante dos quadros de loucura”, no excerto, o alcoolismo emerge como o fator desencadeante da doença mental, ou seja, ele inspira sentidos na relação do sujeito com a sociedade.

Refletimos, neste percurso, a questão da produção da bebida alcoólica, em diferentes situações, modos de fazer, de produzir a bebida alcoólica, isto é, as condições de produção, a situação na qual a bebida enquanto produto está inserida. O contexto histórico e as condições de produção sobre o álcool são distintos, dessa forma, o contexto sócio histórico e político significa no discurso e produz diferentes efeitos de sentido.

No item 1.1, discutiremos o alcoolismo como um novo *acontecimento discursivo*, que convoca e organiza sentidos à sociedade sobre o alcoolismo como

¹⁰ MALUF-SOUZA, O. Vozes urbanas: gestos de pertencimento nos espaços simbólicos da cidade. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP. 2004.

doença, ou seja, a doença coloca-se como o produto, efeito do alcoolismo. Assim, refletiremos, em diferentes autores, o modo como o sujeito é inscrito em uma posição de doente, dependente do álcool.

1.1 O alcoolismo considerado como doença

O alcoolismo, tal como vimos no decorrer deste capítulo, convoca o sujeito leitor a observar pontos importantes envolvidos ao consumo e aos efeitos do uso desse produto para o sujeito e para a sociedade, de modo que, neste item, o alcoolismo será discutido, a partir da posição médica, como doença.

Conforme Souza (2011)¹¹, no século XX, o alcoolismo passou a ser considerado como doença, tendo a necessidade de se avaliar o fenômeno e as intervenções realizadas de acordo com a metodologia científica utilizada pela Medicina. As avaliações passam a ter averiguações constitutivas, condizentes ao processo, dentro de condições padronizadas. Esse movimento de avaliação coloca em questão, a nosso ver, um modo de leitura sobre como a ciência consolida a sua posição e a diz para a sociedade.

Assim, Ramos (1997 *apud* SOUZA, 2011) afirma que, em 1849, o médico suíço Magnus Huss publicou o termo *alcoolismo crônico*. Segundo Souza (2011), a consideração do alcoolismo como doença toma corporeidade com a criação dos Alcoólicos Anônimos, pois, em 1956, a Associação Médica passa a tratar o alcoolismo como doença. No ano de 1976, foi proposta, por Edwards e Gross, a terminologia *Síndrome de dependência do álcool* (SDA), e, em seguida, a Organização Mundial de Saúde (OMS) aderiu a essa terminologia em substituição ao termo *alcoolismo*. O intuito foi o de apresentar este fenômeno como uma síndrome que inclui vários aspectos e não somente uma classificação genérica.

Segundo o *Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais – Quarta Edição* (DSM-IV - 1995 *apud* SOUZA), a característica principal que representa a dependência de substâncias como o álcool, é o agrupamento de sintomas cognitivos, comportamentais e fisiológicos apontando que o sujeito persiste fazendo uso de uma substância, apesar dos problemas relacionados a ela, criando, com isso, uma

¹¹ SOUZA, F. Alcoolismo: história da doença, definição atual e diagnósticos. 2011. Disponível em: <https://www.psicologiamsn.com/2011/11/alcoolismo-historia-da-doenca-e-definicao-atual-e-diagnostico.html> Acesso em: 12/09/2018.

atitude de autoadministração que geralmente gera a tolerância, a abstinência e o comportamento compulsivo de consumo da droga.

Para Varella (2011)¹², outro fator importante é a evolução da doença alcoolismo na vida do dependente, que se divide em três fases: “Adaptação, Tolerância e Síndrome de Abstinência”. A adaptação é uma forma rápida que surge após o primeiro contato com o álcool. São múltiplas as sensações ao ingerir os goles da bebida, capaz de exercer e dominar o usuário, ao ponto de levá-lo a cometer atitudes distintas. O sujeito sente-se ousado, encorajado, relaxado, frente aos problemas da vida. Diríamos, então, que nessa primeira fase, há entre o sujeito e o produto, modos de significação e de interpelação.

Na segunda fase, o sujeito entra em um momento perigoso e enganoso, pois desenvolve um mecanismo de tolerância ao álcool, ao mesmo tempo em que cria uma adaptação do sistema nervoso central (SNC) às quantidades maiores do consumo de bebida. Trata-se de um momento em que a bebida pode obscurecer, ao sujeito dependente, os efeitos maléficos, e sobrepor a sensação de prazer em beber e a de praticar, no dia seguinte, qualquer outra atividade ou até mesmo voltar a beber. Assim, o alcoólico não se dá conta dos efeitos do álcool no seu organismo: apagamentos, esquecimentos visíveis; realização de várias tarefas do dia-dia e exposição às situações de riscos, mas sem mesmo lembrar-se do que aconteceu. Assim, ainda que existam provas de todas as situações ao seu redor, na mente daquele que consome o álcool em situação de dependência os acontecimentos são apagados. Ao final dessa fase, o sujeito enfrenta modos distintos de interpelação da família, de amigos e da sociedade, clamando por cuidados com a saúde, pelo abandono da bebida, e isso provoca a chamada “parada forçada”¹³.

Assim, o sujeito que ocupa uma posição x ou z na sociedade se coloca em uma condição em que consegue evitar a bebida, mas isso acontece sem tempo determinado. O percurso tem seus percalços podendo ter a durabilidade de meses ou até anos, porém, a doença não é curada, tem-se, de forma velada, segundo a literatura médica, que ao surgir uma oportunidade, há a possibilidade do retorno à bebida.

Na terceira fase, a doença já está em um nível elevado, pois a dependência física está instalada e o álcool passa a ser o remédio nos momentos de dores, sofrimentos, e

¹² VARELLA, D. Fases de evolução do alcoolismo. 2011. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/drauzio/artigos/fases-de-evolucao-do-alcoolismo-artigo/> Acesso em 24 jul. 2018.

¹³ Termo utilizado nos escritos do autor Varella (2011). Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/drauzio/artigos/fases-de-evolucao-do-alcoolismo-artigo/> Acesso em: 24/07/2018.

abstinência. Os danos físico, mental e social se alastram, como exemplo, a figura icterica, inchada, vítima de tremores, delírios e alucinações, sem controle de si, sendo capaz de perambular pelas ruas, “beber desodorante, álcool etílico, combustível, perfume e até urina porque sabe que através dela parte do álcool ingerido será eliminada”. Esta fase é marcada pelos problemas de saúde que ocorrem como: “cirrose, neurites, psicoses, pancreatites, hemorragias de esôfago e estômago, tumores malignos” (VARELLA, 2011).

O discurso médico define a doença do alcoolismo como um novo acontecimento, o da doença que se instala como produto, como efeito da bebida alcoólica, o alcoolismo. Assim, o sujeito se marca, é marcado, inscrito em uma posição-sujeito: doente, dependente de uma química, o álcool. Isso nos faz remeter a questão da ideologia, tal como afirma Orlandi, (2017, p. 20): “A ideologia, na formação teórica da Análise de Discurso, é elemento de base, fundamento da constituição do sujeito e do sentido”.

Nessa perspectiva, notamos o modo como o sujeito é afetado pela ideologia e por seu efeito de evidência, já que se tem a ilusão de que é dono de suas palavras, quando, na verdade, retomam dizeres e sentidos já construídos. A origem do dizer surge também no processo de constituição histórica. O sujeito, na ilusão de ser autor de seu dizer, acaba somente repetindo um discurso preexistente, que lhe determina por meio da filiação do sujeito a uma rede de sentidos.

Outo fator entre a posição sujeito dependente e a bebida deve-se ao emprego prolongado do álcool para outros fins, como é o caso da drunkorexia ou anorexia alcoólica¹⁴, que, segundo Cruz (2013)¹⁵, atinge geralmente mulheres entre 20 e 40 anos de idade, que apresentam o desejo obcecado em obter um corpo magro. A ocorrência do quadro dá-se em razão da falta de alimentação e do consumo em excesso de bebidas alcoólicas, assim, a anorexia alcoólica afeta o sujeito levando-o restringir a absorção das calorias necessárias ao corpo humano, substituindo-as pelo uso abusivo do álcool. Esse funcionamento, da relação do sujeito com a imagem de si, nos remete ao conceito de

¹⁴ A Drunkorexia ou anorexia alcoólica é um termo criado para definir o alcoolismo associado a distúrbios alimentares. Este distúrbio ocorre normalmente quando a pessoa ingere bebidas alcoólicas no lugar da refeição, visando a manter o corpo magro, através do consumo de álcool. Disponível em: <http://www.alcoolismo.com.br/druncorexia-quando-o-alcool-e-usado-para-emagrecer/> Acesso em: 15/07/2018.

¹⁵ CRUZ, L. A. Drunkorexia: quando o álcool é usado para emagrecer. 2013. Disponível em: <http://www.alcoolismo.com.br/druncorexia-quando-o-alcool-e-usado-para-emagrecer/> Acesso em: 15/07/2018.

formações imaginárias, quando Pechêux (1997), considerando os sujeitos que compõem o discurso, como elementos A e B, toma-os para além da presença física de organismos humanos individuais, ressaltando que esses sujeitos são marcados, social, histórico e ideologicamente:

[...] A e B designam lugares determinados na estrutura de uma organização social [havendo a sucessão de] [...] uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro (PÊCHEUX, 1997, p. 82).

Percebe-se, desse modo, que o que determina a constituição do discurso é a antecipação imaginária dos lugares ocupados pelos sujeitos, portanto, compreende-se que as formações imaginárias funcionam como um jogo, pois, conforme vimos, as imagens são projeções criadas pelo funcionamento da antecipação, no processo discursivo. Essa questão abre gestos de interpretação para a leitura da imagem que o sujeito dependente de álcool tem de si e a imagem que esse dependente tem do Estado repressor. Assim, há um jogo de antecipação que produz deslocamentos de imaginários tantos dos sujeitos dependentes do álcool, quanto daqueles que são contrários ao seu uso abusivo.

Segundo Cruz (2013), os estudos do Centro de Informações Sobre Saúde mostram que o uso de álcool, para outros fins, funciona de modo a inibir o apetite, ou seja, a pessoa ingere a bebida para se sentir saciada, mas, após um determinado tempo, o efeito passa e a fome toma conta do organismo, exigindo a alimentação para satisfazê-la. Esse processo cíclico de substituição, ou seja, do aumento de um tipo de ingestão para favorecer a diminuição de outra leva, como consequência, à dependência.

No percurso desta escrita, entendemos o modo como o sujeito nas distintas fases (Adaptação, Tolerância e Síndrome da abstinência) se inscreve em diferentes posições, que são produzidas, nas palavras de Orlandi (2012, p. 50), porque o indivíduo

[...] é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas. Ele é assim determinado, pois se não sofrer aos efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história, ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos.

Assim, cada um dos modos de dizer do/sobre o alcoólico vai se entrelaçando e fazendo com que se visibilizem distintas posições-sujeito, isto é, distintos lugares

ocupados pelo sujeito, no discurso. No discurso médico, compreendemos que o alcoolismo é uma doença que não tem cura e que seu tratamento só pode ocorrer através da abstinência ao uso.

Desse modo, a proibição, a prevenção e o combate ao alcoolismo são administrados pelas instituições médicas, jurídicas e políticas, reguladas pelo Estado. Compreendemos, assim, que os discursos vinculados a essas instituições são tomados como representantes da ideologia dominante, por vezes, silenciando outros sentidos possíveis.

Nessa direção, notamos que há uma busca pela uniformização discursiva, ainda que imaginária, das instituições do Estado, oferecendo, como efeito, a igualdade e mascarando as diferenças dos significados. Isso nos remete a ideologia dominante que administra os sentidos daqueles que dizem pelas instituições estatais.

Dessa forma, compreendemos que o discurso dessas instituições funciona não de forma linear, mas entendendo que a língua, base do processo discursivo, tem a sua opacidade, o que nos instiga a adensar a leitura e a discutir sobre o alcoolismo e seus fatores de risco.

1.2 Fatores de risco ao alcoolismo

É comum nos depararmos com uma pergunta: O que leva uma pessoa a beber? Uma questão complexa e que não tem uma resposta definitiva e única. Há uma dispersão de sentidos e de motivos que podem levar o sujeito a dar início ao consumo da bebida alcoólica, já o alcoolismo trata-se de uma doença e não de uma escolha. Nesse caso, é relevante notar como as palavras “alcoólica” e “alcoolismo” possuem diferentes sentidos.

Observemos como a palavra constrói o sentido. Conforme Pêcheux (1988 [1975], p. 160, 161) “[...] uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem um sentido que lhe seria ‘próprio’, vinculado a sua literalidade”, mas “[...] mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam”, ou seja, as palavras nem sempre terão o mesmo significado, ainda que o sujeito tenha a ilusão de que consiga escolhê-las para se expressar, os sentidos podem ser outros, não há como produzir literalidade de sentidos sobre os enunciados e controlar os sentidos, os significados não são presos às coisas.

Nessa direção, discutiremos os fatores de risco do alcoolismo que, segundo Barbosa (2017)¹⁶, podem levar a dependência: facilidade de acesso, ambiente social, histórico familiar, problemas com saúde mental, contato precoce com o álcool e gênero. A facilidade de acesso é caracterizada pelo fato de vivermos em uma sociedade na qual o consumo do álcool é aceito naturalmente, por ser uma droga lícita.

De acordo com Silva (2015)¹⁷, no discurso do médico, as drogas são consideradas como patologias, ou seja, uma doença, que só pode ser curada por meio da abstinência ao uso. Assim, a autora pontua que, na medicina, a concepção de sujeito se constitui como o de um dependente ou de um doente que necessita de tratamento. No discurso religioso a abstinência é vista “como a cura de várias mazelas” (p. 111). O sujeito religioso representa o indivíduo sem vícios. Portanto, junto do discurso religioso, funciona o do Estado que preconiza que a abstinência é a única maneira para solucionar os problemas das drogas. A posição médica também acaba por se filiar ao conceito da abstinência, ou seja, não há diferença da dependência do álcool com a de outras drogas consideradas ilícitas, pois ambas necessitam da abstinência para serem tratadas.

No que se refere ao ambiente social, Barbosa (2017) diz que é um fator de risco que inclui, na maioria das vezes, lugares, como festas, baladas, entre outros. Nessa ambiência, sobrepõe o modo como o sujeito se individualiza, como ele se coloca nesse espaço e que, ao mesmo tempo, sofre a interpelação ideológica de consumo ou de pertencimento a determinados grupos. O sujeito passa a ocupar outra posição, aquela que possivelmente poderá ingerir a bebida alcoólica. O autor afirma que, devido a esse fato, o sujeito consumidor passa a ter maiores possibilidades de desenvolver a dependência.

No que concerne ao histórico familiar, há, pelo discurso da ciência, um fator genético de hereditariedade, de que pais dependentes do álcool podem vir a desenvolver nos filhos a mesma doença. Assim, os efeitos ideológicos sobre a família é de responsabilização.

Outro fator de risco são os problemas com saúde mental, que, segundo Barbosa (2017), faz com que as pessoas acometidas desse mal sintam, geralmente, “necessidades de escapismo, impulsos e dificuldades em lidar” com o que pensam diante das situações

¹⁶ Os fatores de risco do alcoolismo encontram-se descritos no site *Minuto Saudável*, que é composto por um grupo de jornalistas e especialistas em comunicação digital. O artigo que nos baseamos, revisado pelo médico psiquiatra Emerson Rodrigues Barbosa, é denominado “Alcoolismo: o que é, sintomas, tratamento, medicamentos, tem cura? 2017. Disponível em: <https://minutosaudavel.com.br/alcoolismo-o-que-e-sintomas-tratamento-medicamentos-tem-cura/#causas> Acesso em 09 nov. 2018.

¹⁷ SILVA, E. G. Os sentidos de proibição, prevenção e conscientização sobre o uso de drogas no Brasil nos discursos da Lei 11.343. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Mato Grosso. Cáceres. 2015.

ao seu redor, por isso “têm maiores chances de se tornarem dependentes do álcool e de outras drogas, inclusive as ilícitas”.

O autor ainda apresenta o contato precoce com o álcool como outro fator de risco, em que diz sobre os sujeitos que dão início ao consumo de bebida alcoólica na adolescência, e que, dependendo da idade, pode ser considerada como um forte fator de risco.

O último fator de risco de que trata Barbosa (2017) refere-se ao gênero¹⁸, “o alcoolismo é mais comum em homens, embora afete as mulheres também”. A explicação decorre de aspectos culturais, como a repressão e a massa corporal do sexo feminino, sendo menor em relação ao homem, sofrendo mais diretamente o efeito negativo do álcool, o que diminui a chance de se tornarem dependentes.

Neste item, 1.2, compreendemos, do ponto de vista médico, que há distintos modos de interpelação ideológica, que podem intervir no modo de vida do sujeito e este vir a ser um alcoólico. Todavia, não se coloca em pauta a posição do Estado, o modo de circulação da bebida pela propaganda, mas o efeito do consumo.

No próximo item, abordaremos sobre os procedimentos criados para o diagnóstico da dependência do álcool.

1.3 Diagnóstico do alcoolismo

Barbosa (2017) explica que, do ponto de vista da psiquiatria, há distintos métodos para diagnosticar o alcoolismo, como por exemplo, os questionários¹⁹ que se baseiam nos critérios diagnósticos do Código Internacional de Doenças (CID), que, em sua décima edição, determina que a dependência alcoólica pode ser comprovada quando, nos últimos 12 meses, o sujeito apresentou, pelo menos, 3 das seguintes características:

- Forte desejo ou compulsão por consumir álcool;
- Dificuldade para controlar o comportamento de consumir bebidas alcoólicas em termos de início, término ou níveis de consumo;

¹⁸ É interessante pontuar que nos escritos de Barbosa (2017) não se refere aos demais gêneros, em relação ao consumo de bebida alcoólica.

¹⁹ Um dos questionários, criado por Mayfield e colaboradores, é denominado CAGE, sendo a sigla composta pelas primeiras letras das palavras chaves de cada pergunta: 1) Você já tentou diminuir ou cortar (**cut down**) a bebida? 2) Você já ficou incomodado ou irritado (**annoyed**) com outras pessoas por criticarem seu jeito de beber? 3) Você já se sentiu culpado (**guilty**) pelo seu jeito de beber? 4) Você já teve que beber para aliviar os nervos (estresse/tensão) ou reduzir os efeitos de uma ressaca (**eye-opener**)?

- Estado de abstinência fisiológico ao cessar ou reduzir o consumo da substância ou uso da mesma para aliviar os sintomas da abstinência;
- Evidência de tolerância: o indivíduo necessita cada vez mais de doses maiores a fim de alcançar os efeitos do álcool;
- Abandono progressivo de atividades e outros interesses em detrimento da bebida, além de maior quantidade de tempo necessária para se recuperar dos efeitos da mesma;
- Persistência no consumo do álcool, mesmo com evidências claras de que isso está prejudicando sua saúde, seu humor e cognição.

O resultado do questionário prevê: se houver, pelo menos, uma resposta positiva, já há indícios de uso excessivo do álcool, logo o avaliando deverá ser encaminhado para tratamento. Há ainda o *Teste de Detecção de Alcoolismo*²⁰, desenvolvido por Michigan, que consiste de 10 perguntas, objetivas, entre “sim” ou “não”, em que as respostas têm uma dada pontuação. Em observada as perguntas e respostas, o somatório dos pontos se enquadra em uma das categorias: menor ou igual a 3, não há motivos de preocupação; igual a 4, há indícios de problemas com a bebida alcoólica, embora ainda não seja caracterizado como alcoolismo; acima de 5, pode-se inferir o alcoolismo.

A mecanização das respostas entre o “sim” e “não” faz pensar no modo como o sujeito avaliado é inscrito em uma posição de assujeitamento, que o individua a significar de forma objetiva, linear, filiando-o a um discurso, de objetividade, não permitindo espaço a explicações ou a respostas intermediárias.

Este item, 1.3, nos faz indagar a relação entre o sujeito e o espaço, observando o modo como vai se delineando a constituição do sujeito pelo consumo do álcool, uma vez que o sujeito é interpelado pelo consumo da bebida alcoólica, seja no espaço social, familiar, entre outros, cada qual com traços distintos. O uso dos Testes e dos questionários, do ponto de vista da ciência, é que irá determinar a posição do sujeito como alcoólico e possíveis tratamentos. Nessa linhagem, o alcoolismo emerge como consequência do meio em que o sujeito vive. Nessa esteira de dependência do álcool, trataremos a trajetória do grupo dos Alcoólicos Anônimos no Brasil, discutindo o modo como a instituição denominada AA produz, pelo discurso, efeitos de sentido sobre a posição sujeito alcoólico.

1.4 A constituição dos Alcoólicos Anônimos no Brasil

²⁰ Ver em Barbosa (2017).

Neste item, refletiremos a historicidade do alcoolismo, observando o modo como se constituiu os grupos dos Alcoólicos Anônimos, no Brasil. Como vimos anteriormente, a dependência do álcool pode ser tratada e controlada, para isso, surgiram/surgem profissionais habilitados para ajudar nesse desafio. Nessa direção, o grupo mais conhecido é denominado de Alcoólicos Anônimos.

De acordo com os membros dos AA, no blog *Existe uma Solução*²¹, o grupo surgiu no Brasil em 1945, pela passagem de Bob Valentine, amigo de Bill W., pelo Rio de Janeiro. Bob Valentine conheceu Lynn Goodale e indicou o Programa de recuperação, e, assim, Lynn encontrou a sobriedade. Ao voltar aos EUA, Bob Valentine visitou a Fundação do Alcoólico (entidade responsável direta pela correspondência de AA), e passou-lhe o endereço de Lynn, como contato no Brasil.

A Fundação do Alcoólico, no Brasil, recebeu uma carta de Herbert Leroy Daugherty, publicitário americano, sóbrio desde 1945, época em que ingressou num Grupo de AA, em Chicago, e chegou ao Rio de Janeiro em 1946 para cumprir com um contrato de três anos para trabalhar como diretor artístico de uma multinacional do ramo de publicidade. A partir dessa carta, Herbert recebeu o endereço de alguns AA, também *libretos* e folhetos em espanhol para divulgação do Programa de recuperação no Brasil, sendo assim, em setembro de 1947 surge, então, o primeiro grupo reconhecido, o Núcleo de AA, do Rio de Janeiro. Em junho de 1949, já havia doze membros sóbrios no grupo, apelidados por Herbert como Os Doze Desidratados, as reuniões aconteciam nas segundas-feiras, numa pequena sala da Associação Cristã de Moços (ACM).

Conforme os escritos dos membros de AA²², no dia 8 de Dezembro de 1952 foi registrado o Estatuto dos Alcoólicos Anônimos²³, no Brasil, juntamente com a sigla AA. Ao mesmo tempo, foi fundado o Grupo Central do Brasil, que, durante aquela década, dirigiu as atividades da Irmandade no país. Entre 1968 e 1969, a tradução e a publicação do livro AA constituiu-se como um fato importante referente ao desenvolvimento do AA, no Brasil.

²¹ Disponível em: <https://passeamensagem.wordpress.com/2013/03/29/aspectos-historicos-de-a-a-no-brasil/> Acesso em: 10/07/2017.

²² Disponível em: <https://passeamensagem.wordpress.com/2017/08/24/dezembro-de-1952-o-primeiro-estatuto-de-a-a-no-brasil/> Acesso em: 08/04/2019.

²³ O Estatuto foi redigido em quatro páginas, composto por cinco capítulos: Capítulo I - Da denominação, fins, sede e duração, Capítulo II - Administração, Capítulo III - Dos Grupos, Capítulo IV - Dos Associados, deveres e direitos, Capítulo V - Disposições Gerais, no Registro Das Pessoas Jurídicas, em Rio de Janeiro.

Pelo site supracitado, os membros dos AA explicam que, em Recife, no ano de 1977, ocorreu outro evento marcante para a Irmandade: a primeira Conferência de Serviços Gerais do Brasil, resultante da criação da JUNTA NACIONAL DE ALCOÓLICOS ANÔNIMOS DO BRASIL (JUNAAB), quando reuniram os membros do Conselho, o Diretor do CLAAB e 29 Delegados estaduais, representando 16 estados.

Atualmente, o Brasil conta com cerca de 5.000 grupos de AA, congregando distintas posições-sujeito, o que marca a relevância histórica desses grupos.

Segundo Bernardino (2000)²⁴, a irmandade define os AA da seguinte forma:

Alcoólicos Anônimos é uma irmandade mundial de homens e mulheres que se ajudam mutuamente a manter a sobriedade que se oferecem para compartilhar livremente sua experiência na recuperação com outros que possam ter problemas com seu modo de beber.

Segundo Bernardino (2000), os AA são definidos como uma irmandade, que se preocupa com a recuperação pessoal e contínua dos alcoólicos que procuram apoio na instituição. A instituição tem como marco constitutivo as reuniões regulares, nas quais os membros relatam entre si suas experiências, forças e esperanças em seu processo de recuperação.

Os grupos de AA pontuam que, para se tornar um membro da instituição, é preciso, sobretudo, o desejo de parar de beber, ressaltando que, para a instituição, não existe cura para o alcoolismo, ou seja, uma vez dependente, sempre dependente, pois não há ex-alcoólico. Acredita-se que, ao entrar na instituição, o alcoólico controle o desejo pelo consumo da bebida, assim, o sujeito deixa de ocupar a posição de dependente na ativa e passa a ocupar a posição de dependente em recuperação. É importante dizer que os integrantes são provenientes de todos os níveis sociais, diferentes faixa etárias e filiações religiosas.

De acordo com o site *Alcoólicos Anônimos do Brasil*²⁵, os membros da irmandade seguem à risca e preservam os princípios contidos nas *Doze Tradições*, que estão inseridas no Preâmbulo, documento oficial, que rege os grupos de AA. O

²⁴ BERNARDINO, C. G. Depoimento dos alcoólicos anônimos: um estudo do gênero textual. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, p. 60. 2000.

²⁵ Disponível em: <https://www.aa.org.br/index.php/sobre-o-a-a/categorias/sobre-a-a/39-quem-somos>
Acesso em: 17/09/2018.

Preâmbulo dos AA foi impresso pela primeira vez na edição de junho de 1947²⁶, na revista *A.A. Grapevine*.

O texto contido no Preâmbulo é usado para abrir as reuniões dos AA:

O único requisito para se tornar membro é o desejo de parar de beber. Para ser membro de A.A. não há taxas ou mensalidades, somos autossuficientes, graças às nossas próprias contribuições. A.A. não está ligada a nenhuma seita ou religião, nenhum movimento político, nenhuma organização ou instituição; não deseja entrar em qualquer controvérsia; não apoia nem combate quaisquer causas. Nosso propósito primordial é mantermo-nos sóbrios e ajudarmos outros alcoólicos a alcançarem a sobriedade.

No Preâmbulo do dizer dos grupos de AA, observamos o modo como a instituição se coloca e se inscreve para sociedade, ao afirmar que *somos autossuficientes, graças às nossas próprias contribuições. AA não está ligada a nenhuma seita ou religião, nenhum movimento político, nenhuma organização ou instituição*. Pela posição discursiva da instituição, há uma filiação de sentidos de poder, de autonomia, na relação de trabalho com o sujeito dependente.

Na Análise de Discurso, Pêcheux (2009, p. 197) diz que “[...] o sujeito [...] é visto como representante de lugares determinados em uma estrutura social, dos quais decorrem formações imaginárias diferentes”, ou seja, são as formações imaginárias que determinam os discursos, pois dependem da imagem que o sujeito faz a partir de seu próprio lugar e do lugar do outro.

No discurso dos AA sobre a irmandade, há uma projeção imaginária do lugar da Instituição em uma posição imparcial em relação a outras instituições, religiões ou partidos políticos. Em outras palavras, os AA se inscrevem, discursivamente, como *autossuficientes*, pontuando: *O único requisito para se tornar membro é o desejo de parar de beber*. De certo modo, há uma sobredeterminação que resulta de uma projeção imaginária sobre o sujeito que determina a busca de ajuda pelo desejo. Essa relação apaga, por vezes, o alcoolismo como doença, tal como vimos no percurso deste capítulo, em Varela, Barbosa.

É importante dizer que, neste trabalho, pelo estudo da linguagem, tomamos a materialidade discursiva, entendendo, teoricamente, que os sujeitos “[...] não são os sujeitos físicos nem os lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na

²⁶ Disponível em: <https://passeamensagem.wordpress.com/2016/07/13/junho-de-1947-publicacao-do-atual-preambulo-de-a-a/> Acesso em: 27/05/2019.

sociedade, [...] que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções.” (ORLANDI, 2013, p. 40), ou seja, não são os papéis sociais de poder que garantem a enunciação a partir do lugar que o sujeito ocupa, mas sim as formações imaginárias, que, pelo discurso, funcionam como um jogo, visto que projetamos as imagens através de antecipações, no momento em que ocupamos o lugar de enunciador.

No discurso dos AA, observamos a mobilidade de sentidos sobre o termo “irmandade”, isto é, a palavra não se refere à irmandade religiosa, mas funciona como um modo de congregar, ideologicamente, assim, produz o efeito de laço simbólico, de fraternidade, de igualdade entre todos.

Pela formulação, o sujeito coloca-se no lugar, “[...] antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem. Esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte” (ORLANDI, 2013, p. 39). Desse modo, depreende-se, pela Análise de Discurso, que o sentido não está na palavra, mas na formação discursiva²⁷, ou seja, o fato dos membros dos AA ressaltarem a significação da palavra “irmandade” nos permite, pela leitura, pensar nos múltiplos sentidos que provém da palavra, como: irmão (consanguíneo), irmão (pelo âmbito do religioso).

O site “Alcoólicos Anônimos do Brasil”²⁸ explicita que o *Comitê Trabalhando com os Outros* – CTO é quem trouxe sucesso no relacionamento entre AA e a sociedade, o que contribuiu para o crescimento dos grupos de AA. O CTO tem como objetivo organizar, estruturar, padronizar e facilitar a divulgação dos princípios dos AA. Tanto o conhecimento quanto a prática dos princípios, compostos pelas Doze Tradições²⁹ dos AA, oferecem as diretrizes para os grupos alcançarem um bom trabalho no CTO:

- **A Primeira** – assinala que o bem-estar comum deve ser prioridade e a recuperação individual depende da Unidade de AA.
- **A Segunda** - lembra que um Deus amantíssimo, que Se manifesta na consciência coletiva, é a única autoridade. É uma fonte de inspiração para todos, objetivando não tentar impor uma forma correta de trabalhar o programa para outros membros. Os líderes são apenas servidores de confiança, não têm poder para governar.

²⁷ A noção de formação discursiva será trabalhada no próximo capítulo.

²⁸ Disponível em: <https://www.aa.org.br/membros/index.php/comites/cto-trabalhando-com-os-outros/231-finalidade-do-c-t-o> Acesso em: 17/09/2018.

²⁹ Disponível em: <https://www.aa.org.br/membros/index.php/comites/cto-trabalhando-com-os-outros/232-como-por-em-pratica> Acesso em: 05/07/2017.

- **A Terceira** – mostra que para ser membro do AA não existe outro requisito além do desejo de parar de beber.
- **A Quarta** - dá autonomia ao Grupo para conduzir suas atividades como julgar melhor, salvo em assuntos que digam respeito a outros Grupos ou a AA em seu conjunto.
- **A Quinta** - apresenta o propósito primordial de qualquer Grupo de AA: *transmitir a mensagem de AA ao alcoólico que ainda sofre.*
- **A Sexta** - afirma que *nenhum Grupo de A.A. deverá jamais sancionar, financiar ou emprestar o nome de Alcoólicos Anônimos a qualquer sociedade parecida ou empreendimento alheio à Irmandade, para evitar que problemas de dinheiro, propriedade e prestígio não nos afastem do nosso objetivo primordial.* Outras instituições compõem seus próprios programas de tratamento de alcoolismo e cooperam bastante com AA, apresentando muito entusiasmo ao relatar sobre o Programa de Recuperação de AA. Porém, essa experiência trouxe aos Grupos de AA a certeza de que eles podem cooperar, mas sem se afiliar a essas outras instituições.
- **A Sétima** - *ênfatisa que todos os Grupo de AA deverão ser absolutamente auto-suficientes, rejeitando quaisquer doações de fora.*
- **A Oitava** - *diz que Alcoólicos Anônimos deverá manter-se sempre não profissional.* Esta Tradição expõe a divisão entre o trabalho voluntário do Décimo Segundo Passo e os serviços remunerados. Ela orienta que os AA devem focar na recuperação pessoal e no Décimo Segundo Passo, e não se transformarem em profissionais no campo do alcoolismo.
- **A Nona** - *recomenda que Alcoólicos Anônimos jamais deverá ter uma organização formal,* porém, eles precisam de pessoas que trabalhem de forma harmoniosa e com competência, para cumprirem o objetivo primordial.
- **A Décima** - *diz que Alcoólicos Anônimos não opina sobre questões alheias à Irmandade; portanto, o nome de A.A. jamais deverá aparecer em controvérsias públicas.* Esta tradição ressalta que os Grupos devem tratar somente de assuntos próprios da irmandade, sem se desviarem do propósito primordial. Pois assim, estarão conservando a reputação da Unidade da Irmandade perante o público.
- **A Décima Primeira** – *relata que Nossas relações com o público baseiam-se na atração em vez da promoção.* Esta tradição mostra que o foco está no anonimato pessoal. Eles valorizam a relação com o público, desde que as divulgações estejam pautadas apenas nos princípios de AA e não nos seus membros. *Esta Tradição é um lembrete permanente e prático de que a ambição pessoal não tem lugar em AA. Nela cada membro se torna um diligente guardião da Irmandade.*
- **A Décima Segunda** – *indica que O anonimato é o alicerce espiritual das nossas Tradições, lembrando-nos sempre da necessidade de colocar os princípios acima das personalidades.* A substância do anonimato é o sacrifício no meio da Irmandade, *a humildade, expressa pelo anonimato, é a maior salvaguarda que Alcoólicos Anônimos sempre poderá ter.*

A partir do discurso sobre as Doze Tradições³⁰, criadas e praticadas pelos membros de grupos de AA, vimos que elas funcionam como um guia de maneiras e comportamentos dos AA dentro e fora da irmandade. O discurso das Doze Tradições, teoricamente, sobredetermina os modos de condução do sujeito, como membro da irmandade.

No discurso das Doze Tradições, percebemos, pela mobilidade da língua, que a terceira tradição retoma, com ênfase, que *não existe outro requisito além de parar de beber*, o que é dito no texto do Preâmbulo, *o único requisito para se tornar membro é o desejo de parar de beber*.

Assim, vimos o modo como o texto constrói, discursivamente, o sentido. O texto é compreendido, como um fato (ORLANDI, 1996), pois, enquanto fato, enquanto unidade constituída por estrutura e acontecimento de significação, reclama sentido. Assim, é no processo entre a historicidade do texto e suas condições de produção que é possível compreendê-lo, pelo discurso, como movimento, como funcionamento da/pela linguagem, que é o processo de constituição do sentido e do sujeito: “[...] sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo, na articulação da língua com a história, em que entram o imaginário e a ideologia” (ORLANDI, 2012, p. 99).

Ao analisar o modo como o sentido se constitui nos discursos sobre as Doze Tradições e Preâmbulo, podemos observar como o sujeito é tomado e significado pela instituição. Compreendemos que as denominações dadas aos Doze itens não são definidas como regras, mas formulados como Doze Tradições, embora entendamos que, no movimento das Doze Tradições, há de certa forma, uma regularidade para os grupos.

Neste capítulo, discutimos o surgimento da bebida alcoólica, o processo de criação da cerveja e do vinho, a comercialização, o consumo, a embriaguez, o alcoolismo, a trajetória dos AA no Brasil e a constituição do sujeito pelo consumo do álcool. Assim, compreendemos que o álcool, enquanto bebida, institui um percurso sócio histórico que movimenta sentidos sobre o modo como toma corporeidade na sociedade e que o sujeito sofre os atravessamentos ideológicos, os quais podem intervir no seu modo de vida e o constituir como alcoólico.

Nessa direção, trataremos, no II Capítulo, do modo como o alcoolismo produz efeitos de sentido sobre/para o alcoólico da instituição AA. Os conceitos de *condições de produção*, *memória discursiva*, *gesto de interpretação*, *formação imaginária*,

³⁰ Os AA não denominam os Doze itens como regras, mas como Doze Tradições.

formação discursiva, subjetivação, individuação, ideologia, posição-sujeito, nos permitirão analisar os sentidos constituídos sobre os sujeitos e o alcoolismo.

CAPÍTULO II

O DISCURSO SOBRE OS AA

Este capítulo tem como objetivo produzir uma discussão sobre o processo de constituição do sujeito no ambiente da instituição dos AA. Analisaremos, pelo discurso, o modo como o alcoolismo mobiliza sentidos sobre/para o alcoólico, a partir do *corpus* que é constituído por recortes de um depoimento disponível, na internet, relacionado ao alcoolismo.

De acordo com Pêcheux (1997a, p.77), “[...] um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas”, sendo assim, considerá-las é fundamental para analisar os recortes que selecionamos para este capítulo.

Ao realizarmos a busca pelo depoimento, pensamos na questão da regularidade e da circulação de depoimentos na *web*, a partir de leituras do blog *Alcoólico em Paz*³¹, que afirma que os arquivos contendo as partilhas dos membros dos AA têm se expandido cada vez mais na internet³².

Durante a pesquisa, encontramos vários depoimentos relevantes para construir uma análise, mas, para este capítulo, selecionamos o depoimento intitulado *A Máscara caiu no 1º Encontro*, que foi divulgado em um site da internet³³, criado pelo *Grupo Tranquilidade*. Por vias muito diferentes, selecionamos apenas um depoimento para a análise deste capítulo, com o propósito de compreender como a língua funciona para o sujeito alcoólico.

Trazemos, então, a análise de 10 sequências discursivas (doravante SDs), recortadas do depoimento de uma alcoólica anônima, que expõe sua experiência com a bebida alcoólica.

Nas sequências, observaremos três momentos: a relação e as formações imaginárias da alcoólica com o marido, com o espaço da instituição e consigo mesmo:

SD1 – Fui para levar meu marido, porque "ele" era um alcoólico, "ele" não sabia beber, "ele" tinha que parar, "ele" só me fazia sofrer, enfim,

³¹ Disponível em: <https://alcoolicoempaz.wordpress.com/orientacoes-de-aa-para-paginas-na-internet-e-a-adequacao-deste-blog-a-elas/> Acesso em: 31/01/2018.

³² Há uma enormidade de sites com relatos de dependentes, que só são publicados se houver autorização dos participantes do AA. Nos depoimentos são usados, geralmente, apelidos ou iniciais dos nomes para divulgação. Os que não desejam expor sua história de vida, devem solicitar ao administrador do website para que sejam ocultados ou omitidos detalhes do depoimento.

³³ Disponível em: <http://www.grupotranquilidade.com/dp---a-mascara-caiu-no-1o-encontro> Acesso em: 02/06/2017.

todas as dores, amarguras e frustrações que eu tinha na vida, eram culpa dele.

O recorte da SD1 textualiza o modo como a posição sujeito, dependente do álcool, se inscreve, pela formulação, na relação entre o Eu e o Ele. Pela linguagem, responsabiliza o outro, o companheiro (Ele), pelo dizer, as diferentes formações discursivas³⁴ textualizam o imaginário em que circunscreve – na 3ª pessoa do pronome pessoal – Ele (o outro). Assim, a denominação *ele* o tempo todo é referida como o que causa sofrimentos. A formulação funciona pela cadência dada pela repetitividade, produzindo um efeito parafrástico, ou seja, de forma repetitiva, o dizer da alcoólica dá ênfase, pelo uso de aspas, ao pronome *ele*, que é o maior causador de todas as tristezas.

Há uma filiação de sentidos em funcionamento do discurso entre o dizer: Eu e o Ele, modos de subjetividade, isto é, os pronomes, termos gramaticais, que pontuam as marcas de pessoalidade no discurso, e são eles que sinalizam a subjetivação da/na enunciação. A partir disso, surgem os índices de pessoas, *eu* e *tu*, os quais são produtos da enunciação, é o indivíduo que pronuncia e que deve se responsabilizar pelo dizer a quem se destina.

Em Benveniste (1989, p. 288), vemos que a subjetividade se marca no discurso através de categorias específicas, ou seja, a categoria de pessoa se marca no enunciado. “É na instância de discurso na qual *eu* designa o locutor que este se enuncia como sujeito”, isto é, o *eu* designa o locutor e só pode ser identificado na instância de discurso em que é proferido. Ainda que o *tu* seja indispensável, na relação interlocutiva, é o *eu* quem define o *tu*. Assim, essa teoria nos mostra que o autor busca compreender como a categoria pessoa se marca pela oposição, e o modo como essa oposição se constitui.

Entretanto, há discordâncias no modo de tratamento da enunciação entre Benveniste e Análise de Discurso, pois esta não considera os modos de operações do sujeito em um ato individual, isto é, como o sujeito da enunciação se marca na linguagem, mas o modo como se inscrevem o histórico e o social nas práticas de linguagem, a partir da enunciação. Entendemos que a Análise de Discurso defende uma teoria não subjetiva do uso da linguagem, que trata o discurso como um acontecimento. Em Pêcheux (1983), sabemos que qualquer enunciado é linguisticamente descritível, e este oferece lugar à interpretação, a partir disso, a Análise de Discurso trabalha o discurso.

³⁴ Compreendemos, conforme Pechêux ([1975], 2009), que a formação discursiva se constitui a partir de uma formação ideológica, numa conjuntura dada, pelo estado de luta de classes.

Assim, no discurso do sujeito da SD1, notamos os efeitos de sentido produzidos sobre o *ele*, que, além de estar fora da instância do discurso, é essencial para o ato do julgamento e preconceito. Isso toma visibilidade no momento em que o sujeito diz *ele era um alcoólico, ele só me fazia sofrer*. Ou seja, as marcas do sujeito *ele*, apontadas no discurso, só se caracterizam em oposição à pessoa *eu* do enunciador. Deste modo, observamos sentidos que se apresentam em uma oposição maniqueísta, onde o sujeito da SD1 ocupa uma posição de “bom” sujeito no discurso e constitui o marido como o “mau” sujeito. Sendo assim, constrói-se uma posição sujeito, em que a imagem discursiva é constituída por discursos como: *eu sempre fui tão boa para ele, sacrifiquei meus sonhos, fui para levar meu marido, porque ele era um alcoólico*.

Segundo Orlandi (2013, p. 47),

O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia.

A autora considera que o sentido é construído na relação com o outro, isto é, não se constitui como domínio do “eu” ou do “outro”, mas se instala no espaço discursivo, de acordo com as condições de produção, fazendo intervir a história no/pelo gesto de interpretação. Nesse processo, a ideologia produz o efeito de evidência, pelo discurso. Assim, o dizer está sempre atravessado pelas formações imaginárias.

Desse modo, compreendemos, pelo discurso, os gestos de interpretação, que, para Orlandi (2010, p. 24), “[...] Face a qualquer objeto simbólico o sujeito é instado a interpretar, pois ele se encontra na necessidade de “dar” sentido. O que é dar sentido? Para o sujeito que fala, é construir sítios de significação, é tornar possíveis gestos de interpretação”. Segundo Henry (1993, p. 162) “[...] os fatos de sentido da ordem do discurso não são remissíveis ao discurso de um sujeito, nem mesmo aos de vários conjuntos para fazer uma espécie de “sujeito médio”, mas há “formações discursivas””. Entendemos que o sentido se constitui na e pela materialidade simbólica em funcionamento e não é da ordem do sujeito, ou seja, o sujeito interpreta por meio de uma condição de produção específica, porém, ele tem a ilusão de que sua interpretação é única e essa ilusão está relacionada à ideologia, pois, no processo ideológico, os sentidos apresentam-se como naturais. Porém, os sentidos se inscrevem em formações

discursivas, as quais, em uma conjuntura sócio histórica dada, definem o que pode e deve ser dito (PÊCHEUX, 2009). Então, além dos gestos de interpretação produzidos pela alcoólica sobre o seu marido, na SD1, observamos, na SD2, que há um imaginário social constituído sobre o espaço dos AA, em que os membros participantes se reúnem para contar suas experiências.

As relações são de sentidos, pois, pelo discurso, observa-se o jogo da linguagem, isto é, seu modo de funcionamento. Assim, depreende-se que, embora a alcoólica não tenha vivenciado uma reunião, na instituição AA, há um pré-construído³⁵, um pré-julgamento, sobre o que se encontraria naquele grupo:

SD2 - Pensava que Alcoólicos Anônimos era algo extremamente machista, cheio de homens humilhados, derrotados e infelizes porque não podiam beber; que já haviam causado tanto sofrimento, que somente juntos poderiam suportar a dor da culpa que carregariam para resto de suas miseráveis vidas.

Pelo discurso SD2, remetemos ao conceito de ideologia, que, segundo Althusser, (1974 p.77), “[...] representa a relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência”, ou seja, o indivíduo se imagina e imagina o outro, incluindo seus valores e crenças, é o modo como o sujeito vive a relação com suas condições de existência que conta, e esse modo não é consciente, mas sim imaginário. Dessa forma, o acesso do sujeito com o real jamais será de forma direta e objetiva, mas imaginária.

Para Pêcheux (2009, p. 149),

[...] o funcionamento da Ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeitos (e, especificamente, em sujeitos de seu discurso) se realiza através do complexo das formações ideológicas (e, especificamente, através do interdiscurso intrincado nesse complexo) e fornece “a cada sujeito” sua “realidade”, enquanto sistema de evidências e de significações percebidas – aceitas – experimentadas.

O autor considera as formações discursivas como uma das formas materiais de existência da ideologia, assim, as formações discursivas são componentes das formações ideológicas, pois a ideologia tem sua manifestação no discurso. Em outras palavras, as formações discursivas materializam o ideológico presente nas formações sociais.

³⁵ Ver em Paul Henry, A Ferramenta Imperfeita: língua, sujeito e discurso.

Nesse sentido, observamos, na SD2, que a posição sujeito dependente não visualizava o espaço do AA como um lugar em uma condição de produção x, de modo que se observa, pelo discurso, as formações imaginárias, no efeito do gesto de interpretação. Nesse movimento de linguagem, é possível depreender a imagem que se tem de si, do outro. Assim, pode-se dizer que muitos alcoólicos enfrentam o preconceito contra si mesmo e contra o outro, como também a resistência em aceitar serem portadores da doença alcoolismo: “[...] o sujeito resiste em uma determinada posição, resiste a alguma coisa, contra uma mudança, mas também para uma mudança” (LAGAZZI 2016, p. 12).

Pela formulação da SD2, o modo de dizer da alcoólica nos remete ao conceito de ideologia, que, pelo efeito da naturalização, mascara o sentido. Segundo Orlandi (1999 p. 46), “Este é o trabalho da ideologia: produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições reais de existência”. Ou seja, é a ideologia que produz o efeito de evidência do sentido, o efeito de literalidade, de modo que o sujeito passa a acreditar que o sentido é evidente, porém, na teoria da Análise de Discurso, o sentido jamais será único e evidente.

Observamos que a alcoólica se inscreve, discursivamente, em uma posição-sujeito x, em um lugar distinto daquele que ela tanto julgava, como ruim. No decorrer do depoimento, observamos como o sentido se constitui no entremeio das formações discursivas. Para Pêcheux (2006), “[...] o sentido não existe em si mesmo. Ele é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo histórico no qual as palavras são produzidas” (p. 27), se inscrevendo nas formações discursivas. Ou seja, as formações discursivas são representadas a partir de posições ideológicas que conduzem o que pode e deve ser dito, assim, aquilo que é dito pelo sujeito se inscreve na formação discursiva que o interliga a um sentido, entrelaçando-se com as formações ideológicas. É pela referência à formação discursiva que podemos compreender o modo como a alcoólica, na SD3, produz sentido sobre a posição sujeito – coordenadora da reunião:

SD3 - Para começar, dei de cara com uma mulher coordenando a reunião, o que me pareceu bastante estranho, mas longo pensei: "Claro, só mesmo uma mulher para suportar um monte de bêbados".

Percebemos o efeito da memória sobre a imagem constitutiva para o gênero feminino, ou seja, a mulher, na função de Coordenadora, soa como algo estranho ou ainda como sendo aquela que suporta. A mulher é vista como a única pessoa capacitada para lidar com dependentes do álcool. Assim, pela formulação, há um apagamento da função de Coordenador para a figura feminina em função da constituição histórica do papel de Coordenador como afeito à figura masculina. O discurso retoma, pela memória discursiva, a imagem que o sujeito dependente (mulher) faz sobre a mulher (coordenadora), no campo do trabalho.

Na SD4, observamos a posição da alcoólica em relação ao grupo de AA:

SD4 – Porém o que mais me intrigou foi o fato de estarem todos alegres; pareciam realmente felizes e orgulhosos por estarem ali, e mais ainda com a nossa presença; sorriam e nos cumprimentavam com visível satisfação, nos deixando muito à vontade.

Pela SD4, notamos a mobilidade da língua, base dos processos discursivos, o efeito do pré-construído que entrecruza a formulação, nessa distinta condição de produção do discurso. Orlandi (2013, p. 30) diz que as condições de produção “[...] compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Também a memória faz parte da produção do discurso. A maneira como a memória “aciona”, faz valer, as condições de produção [...]”, a autora explica as condições de produção baseando-se em dois aspectos; o primeiro direciona-se a um sentido estrito e corresponde ao contexto imediato, o segundo realiza-se em sentido amplo, constituído pelo contexto sócio histórico e ideológico. Dessa forma, no primeiro aspecto, é considerado o contexto de enunciação, isto é, quem fala, o que fala, para quem fala, no segundo aspecto, os sentidos são constituídos por meio dos processos históricos e ideológicos e têm relação com as formações discursivas. Ou seja, é através das condições de produção que se compreendem os sujeitos e a situação do discurso, como também a memória que se produz na sua formulação.

No caso da SD1, observamos que o alcoolismo significa de diferentes maneiras para a dependente (esposa), em relação à posição do marido, enquanto dependente. Do ponto de vista de quem diz, tem-se uma posição-sujeito, ideologicamente atravessada com os pressupostos de qualidades e princípios superiores aos de quem a dependente (esposa) julgava negativamente. Há uma mobilidade de sentidos na formulação, no modo como a entrevistada se coloca no discurso. Na tessitura do dizer, há vestígios que

significam o outro (ele) no discurso. Nesse processo discursivo, há fortemente, a imagem que A tem de si e a imagem que se constrói de B. Vejamos:

SD5 - Eu sempre fui tão boa para ele, sacrifiquei meus sonhos, minha individualidade, juventude e liberdade, em nome de um casamento falido e de um homem que não me merecia, nem me dava valor. Esses eram meus reais sentimentos.

Notamos, na SD5, que a marca de 1ª pessoa (pronomes e verbos) sinaliza, no processo discursivo, a posição ocupada pelo sujeito que enuncia - “eu” - que se significa na relação com a alteridade e com outros sentidos que o constituem. Orlandi (1988) pontua que “[...] o sujeito é múltiplo porque atravessa e é atravessado por vários discursos, porque não se relaciona mecanicamente com a ordem social da qual faz parte, porque representa vários papéis” (p. 11). Isso nos faz compreender os atravessamentos, os deslocamentos e as disjunções próprias do discurso. Pela formulação, o sujeito dependente do álcool se diz ao relatar sobre sua experiência. Ao dizer, em seu discurso, o sujeito carrega as marcas constitutivas de sua alteridade e sua multiplicidade.

O recorte do discurso da SD5 também nos remete ao conceito de formações imaginárias, “[...] que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* no discurso e ao *outro*, ou seja, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro”, uma vez que esses lugares são “*representados* nos processos discursivos em que são colocados em jogo” (PÊCHEUX, 1997b, p. 82). Nesse caso, observamos apenas um lado do jogo das formações imaginárias, isto é, as imagens produzidas pela posição-sujeito A, imaginariamente, na posição discursiva do bom sujeito. Isso nos faz pensar uma posição sujeito vinculada à memória discursiva, construída socialmente sobre o bem e o mal. Assim, inscrito no “papel” de boa esposa, o sujeito dependente diz de si mesmo, de seu casamento, construindo uma imagem de si por oposição a do outro. Na posição de analista de discurso, interessa-nos compreender, pela materialidade simbólica da língua, a mobilidade de sentidos e pensar como somos pegos pela formulação.

Na continuidade do depoimento, com a SD6, a alcoólica explica que ao chegar ao local da reunião dos A.A., todos a receberam bem e a observaram e isso causou nela a sensação de estranhamento e medo em ser comparada como um deles:

SD6 - Eu tinha vontade de gritar-lhes: “Ei, o bebão aqui é ele, não eu”.

Observamos, pelo discurso da alcoólica, o modo como se inscreve, na formulação, a sua imagem e a do outro (ele), que o sujeito que necessitava de recuperação não era ela, mas sim o seu marido. Na confluência do discurso, observamos a individuação do sujeito como o *bebão*. A repetição da palavra “eu”, no discurso da dependente, funciona como um modo de individuação, de exclusão da posição de alcoólica. Dessa forma, estamos inseridos no campo dos sentidos e nas formações imaginárias, sendo interpelados pela ideologia e afetados pelo inconsciente, sofrendo os efeitos da divisão entre o “eu” e o sujeito do inconsciente. (Cf. Pêcheux [1975], 1988).

Para Mariani (2016, p. 39),

Imaginário, na perspectiva discursiva, é um conceito analítico que se forja e entra como operador de análise entremeadado a inúmeros outros conceitos, como ideologia, inconsciente e simbólico, simbólico tomado como ordem significante e, nessa medida, sujeito à falhas e deslizos. Por isso, é bom lembrar que a imagem do lugar de onde se fala não é garantia de nada, ao contrário, essa imagem pode se desfazer no próprio ato de tomar a palavra.

Conforme a autora, no gesto de tomada da palavra, ocorre um processo de linguagem, que faz parte da ordem da incompletude, passível de sofrer falhas, deslizamentos, equívocos e descolamentos de sentidos, no momento de sua repetição, pois é o efeito ideológico que está relacionado à evidência imaginária, trazendo sentidos já marcados historicamente. Assim, a imagem que o sujeito dependente produz da posição que ocupa na enunciação é que permite sua entrada no jogo de suas próprias formações imaginárias, por isso Mariani (2016) diz que a imagem que o sujeito faz do seu próprio lugar não é garantia de nada, pois, ao enunciar, os efeitos de sentido sobre determinada imagem podem sempre vir a serem outros.

Na próxima SD, veremos que, durante as apresentações na reunião dos membros da instituição dos AA, a dependente do álcool passa a produzir outros gestos de interpretação sobre aquele lugar:

SD7 – Desde o primeiro depoimento, senti que algo estava acontecendo dentro de mim. Senti calor, medo, vergonha, vontade de ir embora sair dali o mais rápido possível; era o que a minha cabeça dizia, mas meu corpo não obedecia, meu coração batia descompassado e por um momento achei que todos olhavam para mim e sabiam de todos os meus "pecados".

Observamos que há uma memória discursiva em funcionamento nas SDs anteriores (SD1 – SD6) sobre o alcoolismo, pois são dizeres que foram produzidos em momentos anteriores e que foram reproduzidos pela dependente no ato do depoimento, produzindo efeitos de sentido negativos, mas depois de determinado momento, pela formulação, a posição sujeito dependente começa a produzir outros sentidos sobre o alcoolismo do marido, sobre o espaço dos AA e sobre as pessoas que frequentam esse lugar. Há um deslizamento de sentidos entre a imagem de A (marido) e B (instituição) e C (outros).

Há uma memória discursiva que significa nas/pelas SDs. Sobre o conceito de memória, Orlandi (2010) diz que “A memória – o interdiscurso, como definimos na análise de discurso – é o saber discursivo que faz com que, ao falarmos, nossas palavras façam sentido. Ela se constitui pelo já-dito que possibilita todo dizer” (p. 64), conforme a autora, a memória é ao saber discursivo, pois todo dizer se produz sobre um já dito, ou seja, o que se produz é uma repetição de discursos, construindo assim diferentes gestos de interpretação, em relação a uma memória.

Na textualidade do depoimento, enquanto a dependente ouvia os membros, outros sentidos se configuravam sobre a sua dependência, se identificando, nesse processo discursivo, como alcoólica, conforme a SD seguinte:

SD8 - Pela primeira vez, tive coragem de olhar para dentro de mim verdadeiramente e a máscara caiu. Eu era uma alcoólica, não era capaz de controlar meu modo de beber, e o que mais me doeu: tinha causado sofrimento a mim e a outros, inclusive àquele a quem eu de tudo culpava. Pânico. Essa palavra resume o sentimento que me veio a seguir.

O discurso nos faz pensar na relação entre o sujeito a sociedade, o preconceito e a resistência por parte dos dependentes do álcool. Há sentidos em fuga que se cristalizam pela tentativa de se esconder por trás de distintas formações imaginárias, para, assim, poder sustentar a ilusão de que não são portadores do alcoolismo. A exemplo, quando a entrevistada diz do susto acometido ao se enxergar outra pessoa, *Pânico. Essa palavra resume o sentimento que me veio a seguir*. O discurso da SD8 nos remete ao processo de identificação.

Para Orlandi (1998, p. 206),

[...] sujeito e sentidos se configuram ao mesmo tempo e é nisto que consistem os processos de identificação [...] identificamo-nos com certas ideias, com certos assuntos, porque temos a sensação de que eles ‘batem’ com algo que temos em nós. Ora este algo é o que chamamos de interdiscurso, o saber discursivo, a memória dos sentidos que foram se constituindo em nossa relação com a linguagem. Assim nos filiamos a redes de sentidos, nos identificamos com processos de significação e nos constituímos como posições de sujeitos relativas às formações, em face das quais os sentidos fazem sentidos.

Na SD8, observamos, discursivamente, que há pistas que significam o processo de identificação da posição sujeito x como uma dependente: *Pela primeira vez, tive coragem de olhar para dentro de mim verdadeiramente e a máscara caiu. Eu era uma alcoólica.* A linguagem, pelo seu funcionamento, produz sentidos, delinea o modo como o sujeito se significa pela materialidade simbólica. Isto nos faz compreender que a linguagem tem a sua mobilidade, pelo seu funcionamento. De modo que o sentido não está na literalidade das palavras, mas no modo como as palavras são significadas em diferentes formações discursivas e em distintas condições de produção.

A formação discursiva é considerada por Pêcheux (2009 p. 147) como “[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada, numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito*”, sendo assim, compreendemos que os enunciados são organizados conforme certa regularidade. Enquanto muitas coisas são ditas, outras são silenciadas, ou seja, ao sermos inscritos em uma determinada formação discursiva, somos determinados sobre o que podemos e devemos dizer. Os discursos de outra época são significados de outra forma, dada à nova conjuntura enunciativa, isto é, as condições de produção e as formações discursivas de cada sujeito.

Desse modo, entendemos que os sentidos são construídos em meio as formações discursivas, ou seja, o sentido não está dado, como algo pré-existente, nem ao sujeito, mas pode vir a ser outro, conforme a inscrição do sujeito em uma determinada formação ideológica e de quem enuncia, isto é, a posição sujeito, pois, o processo de inscrição do sujeito em uma formação discursiva leva em consideração as condições de produção.

Pêcheux (1997a, p. 182) aponta o conceito de condições de produção como “[...] determinações que caracterizam um processo discursivo”. Isto é, essas determinações se relacionam aos sujeitos e às situações em que o discurso é colocado em funcionamento. O discurso produz efeitos de sentido, que não correspondem aos pretendidos pelo sujeito que o produz. As (não) correspondências são produto das condições de produção

e da ideologia que interpela os sujeitos. As condições de produção designam “[...] a concepção central do discurso *determinado* por um “exterior”, [...] para evocar tudo o que, fora a linguagem, faz que um discurso seja o que é: o tecido histórico social que o constitui” (MALDIDIER, 2003, p.23, grifo da autora).

Para Orlandi (2013), as condições de produção compreendem os sujeitos, a situação e a memória discursiva. O sujeito enuncia com a ilusão de escolher e saber o que irá dizer, como também com a ilusão de controlar os sentidos que serão produzidos, mas não é ciente de que, antes, ele é determinado pela exterioridade, isto é, pela história que o atravessa, levando-o a ter acesso apenas à parte do que diz.

Nesse sentido, as condições de produção têm a ver com a questão sócio histórica e política que intervém no real do sentido. Assim, pelo jogo da linguagem, o espaço em que se institui o AA é constitutivo de significação, de modo que, ao dizer, o sujeito se significa e produz sentidos.

Para Orlandi (2013, p. 30),

Os dizeres [...] são efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz. [...] Esses sentidos têm a ver como o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi.

Conforme a autora, o sujeito se posiciona não só ao produzir determinados sentidos, mas também ao deixar de produzir outros. Pela formulação, o espaço antes era descrito pela dependente como um ambiente de amargura, frustração, humilhação, derrota. Pelo discurso, essa ambiência, de degradação, se transformou em um lugar positivo, constituído por pessoas alegres, divertidas. Em outras palavras, o que se observa, aqui, é o modo como a língua funciona e como se produz práticas de leitura. Sentidos.

Nesse sentido, o discurso jamais será neutro, pois funciona pela ideologia, como afirma Pêcheux (1995). A ideologia interpela o sujeito, pelo simbólico, resultando, assim, em uma forma-sujeito, que é histórica e determinada por fatores sociais, institucionais e pelo Estado. Isto é, o sujeito nunca deve ser pensado como a origem do seu dizer.

Haroche (1992) constrói uma densa reflexão sobre a constituição do sujeito-de-direito, produto do capitalismo. Apresenta as transformações das relações sociais entre o homem medieval e o homem moderno, e que, agora, tomam outras posições, ou seja, o

sujeito torna-se responsável por suas escolhas, descaracterizando o imaginário produzido entre o período da Idade Média e a Alta Idade Média, de um sujeito dirigido pela igreja. Pois se trata do sujeito-de-direito, constituído por desejos, decisões e responsabilidades. Para compreendermos esse novo sujeito, Haroche (*op.cit*, p. 179) traz uma discussão entre o escravo e o sujeito-de-direito:

O escravo não é um sujeito-de-direito: ele faz parte de um conjunto de bens sob a autoridade direta do mestre [...], no (feudalismo) as relações entre o servo e o senhor são explicáveis não diretamente pela economia, mas por um laço de dependência pessoal [...]; a própria ideia, a ideologia mais precisamente de sujeito-de-direito idênticos e autônomos, é impossível em tais sistemas [...] porque essa representação é ao mesmo tempo inútil e perigosa no mundo que vive no escravagismo e da feudalidade. O ‘sentimento’ de fazer parte de uma comunidade e a dificuldade de si desprender dela não traduzem de forma alguma um arcaísmo qualquer do pensamento. Reciprocamente, declarar que os homens são sujeitos-de-direitos livres e iguais não constitui um processo em si. Indica somente que o modo de produção vida social mudou. A ‘atomização’ da sociedade por explosão dos grupos que a estruturam não é pois um efeito evidente de um melhor ser ou de uma melhor consciência; exprime um outro estágio das transformações sociais [...]. Não é natural que todos os homens sejam sujeitos-de-direito. Isto é efeito de uma outra estrutura social bem determinada: a sociedade capitalista.

Diante dessa afirmação, observamos o sujeito-de-direito, afetado pelo capitalismo. Embora livre, o sujeito torna-se submisso ao Estado e ao Jurídico. Além disso, há a liberdade individual, considerada um processo que define o sujeito-de-direito como sujeito jurídico, constituído por direitos e deveres.

Vejamos, na SD10, o modo como o sujeito-de-direito se inscreve, é pego pelo dizer e se particulariza pela formulação:

SD10 - Eu queria ser como eles, precisava disso, não podia mais mentir para mim mesma, não sabia o que dizer nem o que fazer. Então estenderam-me a mão e disseram-me que tudo seria diferente se eu quisesse, e graças ao meu Poder Superior, eu quis.

Percebemos, pelo discurso, a inscrição da posição sujeito dependente em uma posição de aceitabilidade. É importante compreender como o gesto de interpretação se dá na relação sujeito/espaco. Interessa-nos, nesse processo discursivo, compreender a posição sujeito que a alcoólica assume, ao dizer *eu queria ser como eles, precisava disso, não podia mais mentir para mim mesma*. Há um percurso, um processo de

identificação da posição sujeito A em relação a B que movimenta e retoma sentidos e se submete, pela linguagem, como uma alcoólica. Essa posição a inscreve em um lugar de direito, de poder dizer, de se colocar, tal como diz Haroche (1992), na posição de sujeito constituída como um sujeito-de-direito. É dessa posição, de um sujeito livre e ao mesmo tempo submetido ao Jurídico, que nos faz remeter a SD8, em que se lê: *a máscara caiu*. Em outras palavras, o sujeito se inscreve ao fio do discurso.

Em face às leituras, análises, compreendemos que a teoria da Análise de Discurso permite refletir sobre a questão da interpretação, observando que os sentidos são móveis, que demandam questionamentos e isso implica compreender as condições de produção. O percurso, o processo de significação. Então, o fato da alcoólica visualizar a Irmandade como um lugar de ajuda tem a ver com as condições de produção e com as formações imaginárias no modo como se diz em diferentes sequências discursivas de formações discursivas.

Esse processo de identificação ocorre na formação discursiva, entendida como o lugar de constituição do sentido e da identificação do sujeito, “[...] é nela que todo sujeito se reconhece [...] e, ao se identificar, o sujeito adquire identidade” (ORLANDI, 1988, p. 32).

O processo de identificação nos permite refletir sobre a ideia de que o sujeito, ao falar de si, é inscrito em diferentes formações discursivas, ou seja, em redes de memórias e esquecimentos, que deslizam e se enlaçam. Esse funcionamento pode ser observado em vários momentos em que a dependente diz sobre o seu marido, sobre a instituição e sobre ela mesma. Percebemos, algumas vezes, o discurso sendo constituído de forma negativa, mas em distintas condições de produção muda, tornando-se positivo. Notamos que, pela linguagem, pelo discurso, o sujeito não consegue controlar os sentidos como um todo, pois eles podem sempre ser outros na relação com o outro.

Segundo Orlandi (2013, p. 49),

Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas. Ele é assim determinado, pois se não sofrer os efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos.

De acordo com a autora, o sujeito não pode definir as suas escolhas de maneira livre, tendo controle sobre seus pensamentos e dizeres, mas ele é assujeitado à língua e à história, para, assim, produzir sentidos por meio de seu discurso. O sujeito do discurso

significa e é significado em determinadas condições pelo viés do interdiscurso, que sustenta seu dizer e está inscrito nas formações discursivas, as quais são inscritas nas formações sociais, e que se constituem nas injunções ideológicas.

Orlandi (2012, p. 214) diz que:

Não podemos, por outro lado, pensar a teoria da interpelação sem referir à ideologia dominante. Tratamos assim da relação língua-discurso-ideologia na implicação de uma região histórica particular que define essa relação. Assim, trata-se de refletir sobre a relação interpelação/assujeitamento, de um lado, e, de outro, a alienação como parte dessa relação. Ou seja, ao mesmo tempo que relacionamos assujeitamento e alienação, os distinguimos.

Nessa direção, a ideologia interpela o indivíduo em sujeito, assim, pelo processo de assujeitamento, o sujeito é submetido à língua e sofre o assujeitamento. A língua é considerada lugar do equívoco, do polissêmico, da falha, da ambiguidade, como também da luta política e ideológica do sujeito. Desse modo, compreendemos que o sujeito, pela análise do depoimento, pode até ter a ilusão de ser a fonte de seu dizer, de ter produzido os efeitos de sentido desejado por ele, sendo únicos e transparentes, mas, como vimos na Análise de Discurso, o sujeito não pode controlar os sentidos, pois eles podem sempre vir a serem outros na relação com o outro, assim como nas modificações do tempo e do lugar em que acontecem os discursos.

Nessa direção, prosseguiremos com as análises de outros depoimentos relacionados à dependência do álcool, no Capítulo III, denominado: Efeitos de sentido sobre a dependência do álcool.

CAPÍTULO III

EFEITOS DE SENTIDO SOBRE A DEPENDÊNCIA DO ÁLCOOL

Nos capítulos anteriores, construímos, primeiramente, uma reflexão sobre o modo de produção da bebida alcoólica, em seguida, trabalhamos com sequências discursivas do sujeito alcoólico, as formações imaginárias, observando a relação do sujeito alcoólico com outros dependentes e a Instituição dos AA.

Neste capítulo, pretendemos analisar o modo como se constitui os sentidos sobre o alcoolismo, a partir de diferentes dizeres em depoimentos de alcoólicos, que contam suas experiências com a bebida. Mobilizaremos as noções de *memória discursiva*, de *formações discursivas e ideológicas*, de *gestos de interpretação*, de *condições de produção*, como também o de *processos de identificação* dos sujeitos dependentes.

Nesse sentido, apresentaremos a análise de 18 sequências discursivas, as quais são recortes de depoimentos produzidos por alcoólicos, os quais foram divulgados em sites da internet. A SD1 apresenta um depoimento anônimo retirado de um blog denominado Blog da Kika Castro³⁶; a SD 2 é um depoimento anônimo retirado do site Alcoolismo³⁷, criado por Luiz Antônio da Cruz; as SDs 3 a 5 são depoimentos anônimos encontrados no Grupo Tranquilidade³⁸, grupo de AA e as SD 6 a 17 mostram recortes de depoimentos do jornalista Ruy Castro, do site Gshow³⁹.

As sequências discursivas, neste capítulo, serão numeradas, a partir de SD1.

SD1 - Observo que sou escravo das minhas sensações, se estou feliz bebo, se estou triste bebo, se discuto com alguém bebo, se estou sem fazer nada bebo, se estou com meu filho bebo... a bebida virou companheiro de todas as horas... já perdi emprego, mulher, imóveis e etc tudo por culpa do álcool mas mesmo assim não consigo me afastar desse danado...já busquei jesus, buda, krishna ou qualquer força superior [...].

³⁶ Disponível em: <https://kikacastro.com.br/2016/07/07/depoimentos-sobre-alcoolismo/#more-12282>
Acesso em: 20/06/2018.

³⁷ CRUZ, L. A. 3,3 milhões de pessoas morrem todos os anos pelas consequências do álcool no mundo, diz OMS. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/33-milhoes-de-pessoas-morrem-todos-os-anos-pelas-consequencias-do-alcool-no-mundo-diz-oms.ghtml> Acesso em: 04/06/2018.

³⁸ Disponível em: <http://www.grupotranquilidade.com/artigos---eu-nao-era-alcoolatra> Acesso em: 02/06/2017.

³⁹ Disponível em: <https://gshow.globo.com/tv/noticia/pedro-bial-discute-o-alcoolismo-no-brasil-que-consome-40-a-mais-de-bebida-que-o-mundo.ghtml> Acesso em: 18/07/2018.

Observamos, na SD1, o modo de significação, de individuação e de subjetivação do sujeito. A palavra *escravo*, citada pelo dependente, produz o efeito de sentido de prisioneiro de seus “prazeres”. Em seu discurso, percebemos o modo como o sentido da bebida alcoólica se constitui, pois passa a ter distintos significados: *se estou feliz bebo, se estou triste bebo, se discuto com alguém bebo, se estou sem fazer nada bebo, se estou com meu filho bebo... a bebida virou companheiro de todas as horas.*

O discurso se marca pela contradição, em *já perdi emprego, mulher, imóveis e etc tudo por culpa do álcool mas mesmo assim não consigo me afastar desse danado*, pois ao mesmo tempo em que o dependente identifica a bebida alcoólica como algo que representa alegria, relata também sobre seus efeitos nefastos, o caos. Assim, o discurso da SD1 nos possibilita pensar no modo de significação do sujeito, entendendo que o sujeito sofre o processo de individuação, pelo Estado. “[...] o Estado tem a função de articulador simbólico político, têm possibilidades e condições de produção específicas que produzem nos furos na ideologia, formas de resistências que têm sua materialidade, sua historicidade” (ORLANDI 2012, p. 232). Ou seja, o sujeito ocupa a posição de responsável por aquilo que faz e isso funciona na sociedade no processo de constituição do sujeito-de-direito, “[...] o sujeito na análise de discurso, é posição entre outras, subjetivando-se na medida mesmo em que se projeta de sua situação (lugar) no mundo para sua posição no discurso” (*op.cit*, p. 99).

Na palestra *Sentidos em fuga: efeitos da polissemia e do silêncio*⁴⁰, proferida por Orlandi, na Fiocruz, em 19 de agosto de 2014, a autora explica que somos constituídos na ambiguidade de sermos sujeitos *de*, mas estarmos sujeitos *a*. Significa que o sujeito do jurídico está fadado a direitos e deveres; responsáveis, ou seja, seria como dizer que “[...] você pode fazer o que quiser, mas você tem que responder pelo que você faz” (*op.cit*).

Podemos dizer que o sujeito da SD1 é tomado por uma formação ideológica em que ele, enquanto sujeito livre de direito, é tomado pelo consumo de bebida alcoólica, isto é, o fato de o sujeito ocupar uma posição de responsabilidade pelas suas atitudes, a dependência do álcool seria como uma consequência das suas próprias escolhas. Sabe-se, todavia, que o discurso tem um modo de funcionamento em que sentidos são naturalizados sob o efeito da evidência que mascara sentidos outros.

⁴⁰ Eni Orlandi, na palestra *Sentidos em fuga: efeitos da polissemia e do silêncio*, proferida na Fiocruz em 19 de agosto de 2014, define polissemia como o movimento contraditório sobre o mesmo objeto simbólico. Acesso ao vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=u0Y2KGVkm9U>

A SD1 nos mostra a persistência do alcoólico pelo o modo como o sujeito se inscreve em uma formação discursiva, que mobiliza questões de sentidos entre o sujeito consumidor, o dependente e o modo como também visa algo que o afaste daquilo que tira a sua paz. Traga a força superior.

Sobre a força superior, no/pelo discurso do dependente, é uma expressão, parte das Doze Tradições, usada pelos membros da instituição AA, explicada no primeiro capítulo deste trabalho. A referência à crença neste Poder Superior também está inserida nos Doze Passos⁴¹ do AA, que fazem como instrumento essencial e indispensável para a recuperação dos membros da instituição. Conforme a segunda tradição, afirma-se que não há líderes para governar a instituição dos AA, pois tudo que é feito é em nome de um Deus altíssimo (Poder Superior), que existe na consciência coletiva dos membros da instituição. Porém, esse Poder Superior pode ter vários sentidos para cada membro, isso explica o discurso do alcoólico, na SD1, do presente capítulo, quando diz que já buscou *jesus, buda, krishna ou qualquer força superior*, ou seja, o alcoólico é interpelado a acreditar que existe um Poder Superior que pode ajudá-lo na recuperação, e que este Poder Superior pode ser interpretado conforme a sua crença.

Para alguns, o Poder Superior pode ser Deus, já para outros pode ser a força do coletivo e para outros, a força de vontade que surge em cada dependente. Isto mostra que, para os criadores dessa expressão, não importa ao que a crença do Poder Superior estará relacionada, mas o foco está no resultado, ou seja, essa crença precisa ter a força suficiente para trazer a recuperação do dependente. Observamos que a instituição dos AA constitui o Poder Superior como papel relevante, como uma força capaz de destruir o desejo intenso pela bebida. Assim, a língua é sujeita a falhas, a pontos de deriva. “A ordem da língua, ou seja, a sua não transparência e sua autonomia relativa – sistema sujeito a falhas que se inscreve na história para significar” (ORLANDI, 2016, p. 76-77). Como vimos nas palavras da autora, a língua não é um sistema fechado, perfeito, sendo assim, há a incompletude do sentido, constituindo os deslizamentos e os outros discursos.

Observemos a sequência SD2:

SD2 - Acho que são umas sete da manhã, né. Eu bebo tanto que fico confuso. Tenho família, casa, mas larguei de mão. Pareço velho, mas

⁴¹ Disponível em: <https://www.aa.org.br/index.php/sobre-o-a-a/categorias/principios-de-a-a/47-os-doze-passos> Acesso em: 07/02/2019.

não sou não. A bebida faz isso com a gente. Leva tudo de bom embora.

Notamos, na SD2, que o sujeito se coloca em uma posição x como aquele que já chegou ao nível de perder a noção do tempo, valor familiar e enfatiza: *pareço velho, mas não sou não*. O sujeito é pego pela formulação, ao passo que diz que sua aparência representa alguém com mais idade, confusões com o horário, incidindo a práticas de costumes de pessoas idosas. Ou seja, uma pessoa com pouca idade, por vezes, não apresenta atitudes confusas de esquecimento, como pontua o sujeito da SD2 – *a bebida faz isso*. É importante observar a posição sujeito dependente da SD2, em que assume, do lugar do dependente da bebida, os efeitos de sentido.

Na SD2, há uma questão importante – família/idade – que se textualiza pelo jogo de linguagem, e que nos chama a atenção pelo modo como são significadas – *tenho família, casa, mas larguei de mão. Pareço velho, mas não sou não*. Há uma antítese em funcionamento, no/pelo discurso. Um ir e vir construindo sentidos, formações imaginárias, do lugar daquele que sofre as interpelações ideológicas do efeito do alcoolismo. Pelo discurso, é possível o sujeito leitor depreender o modo como o sujeito se constrói no interior de diferentes formações discursivas. Em se ver no tempo e espaço. Há, na formulação, uma tessitura densa sobre os efeitos de sentido do consumo exacerbado da bebida alcoólica no/pelo sujeito. O efeito do álcool para o âmbito familiar, “o largar de mão” e o pessoal, aparência física, *pareço velho, mas não sou não*. A língua, base dos processos discursivos, dá a sustentabilidade para a mobilidade do discurso, do sentido em relação, movimento, de modo que aquele que diz se coloca e se marca, no fio do discurso, ao dizer: *a bebida faz isso com a gente, leva tudo de bom embora*. Assim, o sujeito é tomado, engolido pela formulação, tal como a bebida que o consome.

Vejamos a SD3:

SD3 - Não era alcoólatra, porque tinha uma boa casa, emprego e estudava. Por isso, achava normal eu ficar bêbada em todas as festas de família e em outros momentos felizes porque tinha que comemorar, mas não era alcoólatra. [...] todo mundo bebe né? Eu também.

Na SD3, observamos as formações imaginárias. A imagem que o sujeito tem de si, de que *Não era alcoólatra, porque tinha uma boa casa, emprego e estudava* e a imagem que se tem do *alcoólatra*. Nesse processo de identificação, o sujeito se particulariza por

uma via que faz pensar o preconceito em relação ao sujeito alcoólico: “O preconceito é uma discursividade que se impõe sem sustentação em condições concretas/reais e é fortemente mantida por relações imaginárias atravessadas por uma não permissão do dizer que apaga (silencia) sentidos e razões da própria maneira de significar” (BORGES, 2009, p. 90). De acordo com a autora, o gesto de preconceito se constitui no discurso dos sujeitos, ou seja, o preconceito produzido pelo sujeito da SD3 está inscrito em uma determinada formação imaginária que se constitui através do modo como as relações sociais significam e são significadas.

O sujeito se marca como não *alcoólatra*, porque *tinha uma boa casa, emprego e estudava*. Ou seja, a inscrição da posição sujeito tem como baliza o normal, cidadão comum. Tem casa, emprego e estuda. O entrecruzamento de distintas formações discursivas faz emergir a configuração da bebida e *achava normal eu ficar bêbada em todas as festas de família e em outros momentos felizes [...], mas não era alcoólatra*. Interessante compreender o modo como a palavra “mas” funciona, significa, no discurso, no interior de uma distinta formação discursiva.

O discurso da dependente da SD3 mostra que para tudo há uma justificativa para poder consumir a bebida alcoólica, ainda que o exagero estivesse estampado. Há um movimento de continuidade, resistência, contradição em não identificar a dependência, em não se inscrever em uma posição x, de modo que tudo se configurava normal, beber como todos, em um lugar favorável a isso.

Percebemos, pelo discurso, que o sujeito se marca em uma posição discursiva, como não *alcoólatra* pelo fato de se considerar normal. Ou seja, o sujeito se inscreve em uma posição em que se desvia da dependência, por meio de dizeres sobre o ambiente familiar, as festas. Interessante o discurso *todo mundo bebe, né? Eu também*, ou seja, se todos têm esse direito, ela também se sente à vontade para fazer o mesmo, *não era alcoólatra*. Isso nos remete ao conceito de posição-sujeito. Para Pêcheux, (1988) a posição sujeito se caracteriza como um objeto imaginário que ocupa seu espaço no processo discursivo. Assim, o sujeito não é único, mas permite várias posições sujeito, ou seja, o sujeito se constitui em posições sujeito, no discurso.

Na próxima SD, observaremos o modo como o sujeito se inscreve no discurso:

SD4 - Demorei muito para começar a dirigir, tinha medo, mas precisava, tirei a carteira e quando comecei a sair, tomava pelo menos uma cervejinha para ficar mais segura, mas não era alcoólatra. Uma

vez, numa curva, passei reto e quase entrei no poste, não morri porque não era o meu dia e também porque eu não era alcoólatra.

Na SD4, observamos que há marcas de resistência no/pelo discurso. O sujeito se inscreve em uma posição de não *alcoólatra* porque consumia *uma cervejinha para ficar mais segura, mas não* porque *era alcoólatra*. Ou seja, o sujeito do discurso constitui um gesto de interpretação sobre o álcool, retratando seu consumo como positivo. Tem carro, tem carteira de habilitação e dirige sob a influência do álcool para se sentir bem. As formações discursivas se entrelaçam e constituem a configuração da bebida e *tomava pelo menos uma cervejinha, [...] mas não era alcoólatra*. Notamos, pelo discurso, que a situação se tornou mais crítica no momento em que sofre o acidente sobre o efeito do álcool, justificando que não morreu porque não era o seu dia e *também porque não era alcoólatra*. Compreendemos que a dependente se coloca em uma posição que se distancia da significação de perigo que a cerca. Isto pelo efeito próprio de mascaramento, que a ideologia produz, ou seja, o efeito de naturalização dos sentidos.

Outro fator importante nessa formulação (SD4) recai sobre o apagamento da Lei Seca nº 11.705⁴², instituída no Brasil, em 19 de junho de 2008, e conhecida pelo seu rigor em relação ao consumo de álcool por motoristas. O Artigo 1º da Lei Seca pontua:

Art. 1º Esta Lei altera dispositivos da Lei nº 9.503, de 23 de setembro de 1997, que institui o Código de Trânsito Brasileiro, com a finalidade de estabelecer alcoolemia 0 (zero) e de impor penalidades mais severas para o condutor que dirigir sob a influência do álcool, e da Lei nº 9.294, de 15 de julho de 1996, que dispõe sobre as restrições ao uso e à propaganda de produtos fumíferos, bebidas alcoólicas, medicamentos, terapias e defensivos agrícolas, nos termos do § 4º do art. 220 da Constituição Federal, para obrigar os estabelecimentos comerciais em que se vendem ou oferecem bebidas alcoólicas a estampar, no recinto, aviso de que constitui crime dirigir sob a influência de álcool.

Como vimos, o artigo 1º da Lei Seca, nº 11.705, estabelece *alcoolemia 0 (zero)*. A Lei Seca nº 11.705 retoma o Código de Trânsito Brasileiro (CTB), artigo 165 da Lei nº 9.503/197⁴³.

⁴² BRASIL. Lei nº 11.705, de 19 de junho de 2008. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 20 jun. 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/> Acesso em: 05/06/2019.

⁴³ BRASIL. Código de Trânsito Brasileiro. Lei nº 9.503, de 23 de setembro de 1997. Instituiu o Código de Trânsito Brasileiro. Presidência da República Casa Civil. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19503.htm Acesso em: 05/06/2019.

Art. 165 Dirigir sob a influência de álcool ou de qualquer outra substância psicoativa que determine dependência:
 Infração – gravíssima;
 Penalidade – multa (dez vezes) e suspensão do direito de dirigir por 12 (doze) meses.

A Lei Seca nº 11.705 tem, pela regularidade jurídica, o ato de coibir o sujeito em: *Dirigir sob a influência de álcool ou de qualquer outra substância psicoativa que determine dependência*. O discurso da dependente na SD4 emerge como um gesto que impõe sentidos, no social, e reclama sentidos pela formulação: *Demorei muito para começar a dirigir, tinha medo, mas precisava, tirei a carteira e quando comecei a sair, tomava pelo menos uma cervejinha para ficar mais segura, mas não era alcoólatra*. Há, pelo discurso, um apagamento, distanciamento sobre as regras de trânsito, instituídas pela Lei Seca nº 11.705.

Pelos artigos 1º e 165º, tem-se o efeito de sentido do proibido e o permitido e que reverbera sentidos sobre o sujeito-de-direito.

Segundo Orlandi (2013, p. 51)

O sujeito-de-direito não é uma entidade psicológica, ele é efeito de uma estrutura social bem determinada: a sociedade capitalista. Em consequência, há determinação do sujeito mas há, ao mesmo tempo, processos de individualização do sujeito pelo Estado. Este processo é fundamental no capitalismo para que se possa governar. Submetendo o sujeito mas ao mesmo tempo apresentando-o como livre e responsável, o assujeitamento se faz de modo a que o discurso apareça como instrumento (límpido) do pensamento e um reflexo (justo) da realidade.

Compreendemos que o sujeito-de-direito é produto do jurídico, afetado pelo capitalismo. É livre e ao mesmo tempo submisso ao Estado, que o controla e o faz responsável por suas ações, ou seja, é quem decide, mas é também quem responde por cada escolha que faz. Sendo assim, os discursos do Estado, sobre controle ou de intervenção do uso do álcool na sociedade, produzem um efeito de homogeneização dos sujeitos, dos comportamentos e de ideologias condizentes aos seus princípios.

O que notamos é uma formação imaginária do Estado de integridade, unidade e justiça, que idealiza uma sociedade justa e igualitária, porém, há um silenciamento do diferente, quando se trata do uso do álcool, “De todo modo, sabe-se por aí que, ao longo do dizer, há toda uma margem de não-ditos que também significam.” (ORLANDI, 2013, p. 82). Como vimos, há sentidos no silêncio, ou seja, os direitos instituídos pela

Lei produzem a regularidade do sujeito, de modo que o sujeito não fica totalmente livre, mas determinado pelo Jurídico. Diante disso, podemos dizer que o sujeito não é pensado como sujeito-de-direito livre, mas submisso ao Estado, tal como discute Haroche (1992).

Na SD seguinte, observaremos a mobilização dos sentidos nos dizeres da dependente e o modo como é construída a formação imaginária sobre o sujeito alcoólico:

SD5 - Eu alcoólatra? Imagina, que brincadeira sem graça. Alcoólatra. A-L-C-O-Ó-L-A-T-R-A, alcoólatra! Que palavra mais feia essa, para falar assim desse jeito. Ainda mais para mim, que não era alcoólatra. Alcoólatras eram aquelas pessoas que eu via caindo pela rua, ou dividindo uma garrafa pet com pinga numa praça qualquer. Eu não, não era como aqueles bêbados que ficam o dia inteiro dentro de um bar e arrumam brigas. Ou como aquele povo que até é internado por causa da pinga; eles sim eram alcoólatras. Eu? Não, definitivamente, eu não era alcoólatra.

Ao observar o discurso na SD5, da dependente, chamamos atenção para o modo como a palavra *alcoólatra* constrói sentidos.

Pêcheux (2009, p. 147,148) diz que

[...] se uma mesma palavra, uma mesma expressão e uma mesma proposição podem receber sentidos diferentes – todos igualmente “evidentes” – conforme se refiram a esta ou aquela formação discursiva, é porque – vamos repetir – uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem *um* sentido que lhe seria “próprio”, vinculado a sua literalidade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva [...] De modo correlato, se se admite que as *mesmas* palavras, expressões e proposições mudam de sentido ao passar de uma formação discursiva a uma outra.

A construção do sentido das palavras se dá por meio da formação discursiva em que cada sujeito se inscreve. Assim, as palavras podem produzir diferentes sentidos entre uma formação discursiva e outra, isto é, uma palavra nunca terá um sentido único ou literal. No discurso da dependente da SD5, a palavra *alcoólatra* é repetida numa mesma formulação, produzindo, num primeiro momento, efeitos de sentido negativo, depois a palavra *alcoólatra* está em maiúscula, separada e acompanhada do ponto de exclamação. O modo como se diz intervém no real do sentido, produz efeitos de sentido, o de susto, indignação, raiva, intolerância, insulto, absurdo.

Observamos, na SD5, que o sujeito alcoólico é construído em uma formação imaginária de superioridade em relação a outro dependente. Pêcheux (2009) explica sobre as formações imaginárias e, por meios destas, os diferentes discursos, os quais dependem da imagem que o sujeito faz de si e do lugar do outro. Para o autor, as formações imaginárias funcionam como um jogo, pois o sujeito cria imagens através de antecipações no momento de enunciação. No caso da SD5, observamos a imagem que o sujeito alcoólico produz de si mesmo: *eu não, não era como aqueles bêbados. [...] Eu? Não, definitivamente, eu não era alcoólatra*, e a imagem que o sujeito alcoólico produz dos sujeitos dependentes do álcool, *aquelas pessoas que eu via caindo pela rua, ou dividindo uma garrafa pet com pinga numa praça qualquer. Ou como aquele povo que até é internado por causa da pinga; eles sim eram alcoólatras*. O sujeito do discurso se inscreve em uma posição não *alcoólatra* porque não tinha tais comportamentos, e *achava que pararia quando quisesse*. Como vimos, uma mesma palavra (*alcoólatra*) podem receber diferentes sentidos, isso porque o sentido da palavra é determinado de acordo com a posição ideológica que está em jogo, sendo assim, os sentidos das palavras podem mudar de acordo com a posição de quem as emprega.

Na SD5, observamos, pelo funcionamento do discurso, o modo como o sujeito se inscreve na posição de consumidor. É dessa formulação que se observa, pelo jogo do discurso, o que se diz e como isso constrói sentidos. Diz sobre as condições financeiras de ingerir bebidas alcoólicas com valores altos e em lugares que se apresentam com uma boa aparência à sociedade. Além disso, temos em funcionamento sentidos que colocam o sujeito em outra ordem de discurso, o qual se pauta em um imaginário sobre o dependente do álcool.

Há um pré-construído sobre os alcoólatras, pois o sentido de *alcoólatras* está restrito apenas as pessoas que, ao consumir o álcool, se extravasam de modo a mostrar o mau comportamento. A partir disso, é interessante compreender a memória discursiva, pelo discurso. Segundo Orlandi (1999, p. 31), trata-se do “[...] o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito, que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”. Conforme a autora, tudo que é dito é baseado ou rememorado em palavras já ditas, já significadas pela memória do dizer.

Diante dos depoimentos, compreendemos que os alcoólicos produzem diferentes gestos de interpretação sobre o alcoolismo, portanto, há algo em comum entre eles, pois todos se inscrevem numa posição não alcoólica, tendo como baliza vários motivos. E,

enquanto sujeitos, ocupam uma posição ideológica, a qual mascara os sentidos de dependência, fazendo-os ter a ilusão de que são sujeitos com controle sob seus dizeres e suas atitudes.

Para dar continuidade aos nossos estudos, seguiremos para o próximo item, o qual tratará sobre a mobilização de sentidos sobre o alcoolismo. Por meio do discurso de um alcoólico, analisaremos a constituição dos sentidos de dependência sobre ele e para ele. Observaremos que uma das diferenças entre os depoimentos analisados até aqui e o próximo, se dá devido ao tempo de abstinência do álcool do sujeito do item 3.1.

3.1 Uma história que não cessa de produzir sentidos: O Alcoolismo e seus efeitos

Nos depoimentos anteriores, observamos, pelos gestos de interpretação, distintos modos de interpelação, de relação que cada sujeito produz sobre a sua experiência com o alcoolismo. Neste item, notaremos as diferenças entre os discursos dos depoimentos anteriores e os dizeres das SD6 a 17. Analisaremos as marcas nos discursos, a forma como a doença vem sendo tratada, a maneira como o dependente vem lidando com o alcoolismo, e, principalmente, os efeitos de sentido que produz sobre a sua própria dependência.

Nessa direção, daremos continuidade às análises de recortes do depoimento produzido pelo jornalista Ruy Castro, o qual fala sobre sua história com o álcool, em que bebeu dos 20 aos 40 anos, compulsivamente. Sua história repercutiu por toda mídia, através de sites, blogs e programas de TV.

SD6 - Eu não bebi porque tivesse algum problema de espécie alguma, eu era um profissional muito bem sucedido. [...]. Então aconteceu que, você começa a beber aos 16, 17, 18 anos, como todo mundo, para fazer parte de uma turma, que por acaso bebe e você aos poucos se dá conta de que aquilo te faz bem, ou seja, não te faz mal, você se sente bem com o efeito daquilo, você não tem os efeitos negativos, adversos, ao contrário, todos os efeitos que você tem, são os efeitos positivos, você fica mais solto, mais alegre, mais inteligente e você não passa mal.

Na SD6, as formações discursivas se entrecruzam e constroem sentidos, formações imaginárias de distintas posições sujeito em relação ao alcoolismo. Desse modo, o sentido resulta de sua inscrição em uma dada formação discursiva, o sentido desliza e determina o processo de identificação do sujeito com uma formação

discursiva. Ao analisarmos o discurso do sujeito, na SD6, notamos que há uma dada formação discursiva, cujo atravessamento ideológico engendra o efeito de que seu padrão de vida é superior aos outros: *era um profissional muito bem sucedido*. A formação imaginária dada pelo sujeito da SD6 sobre o alcoólico está pautada em uma posição sujeito que sofre na vida profissional, conjugal, pessoal, e, como consequência, busca refúgio na bebida. Ao mesmo tempo, o sujeito da SD6 se inscreve em uma posição de cidadão em que diz: *eu não bebi porque tivesse algum problema de espécie alguma*. O modo como diz já determina sentidos, inscreve o sujeito.

É comum ler depoimentos de pessoas, como a SD6, que apresentam a justificativa de que começaram a beber para se socializar, para ser aceito nas rodas dos amigos ou porque todos bebem, então, a pessoa também se sente na obrigação de fazer o mesmo. Notamos, pelas análises, que cada qual tem um modo distinto de dizer da sua historicidade em relação ao consumo de álcool.

No dizer do sujeito da SD6, o álcool apresenta-se como um produto com *efeitos positivos*. Isto decorre de forma linear, pelo discurso, sobre prazer, alegria, e coragem para tudo. É importante observar a densidade semântica do dizer, no modo como o sujeito pela ambiência (MOTTA, 2003) que se sente imersa opacifica os efeitos de sentido do álcool. Isso decorre, ideologicamente, porque a evidência do sujeito apaga o fato de que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, ou seja, a formação ideológica, a qual o sujeito consumidor está inscrito, apaga *os efeitos negativos* que o álcool pode causar. Observamos o modo de funcionamento do – pronome pessoal *ocê*. O termo recai sobre qualquer um: *ocê começa a beber, você aos poucos se da conta de que aquilo te faz bem*. Ou seja, a palavra – *ocê* – não pessoaliza um distinto sujeito, *ocê fica mais solto, você não passa mal*, mas trabalha uma circularidade – *ocê*.

No momento em que o entrevistado da SD6 relata sobre a idade que as pessoas dão origem ao consumo pelo álcool, diz: *como todo mundo*. Esse discurso nos dá pistas de que o alcoólico generaliza ou rotula os consumidores, como se todos dessem o início ao consumo apenas com as idades especificadas, não havendo diferenças.

Sendo assim, é inviável dizermos que *todo mundo* começa ingerir o álcool com uma idade específica. Ressaltamos que as palavras não são transparentes como se fosse possível atravessá-las e encontrar um sentido determinado do outro lado. O sentido das palavras se dá por sua relação com outras, ou seja, “As palavras recebem seus sentidos de formações discursivas em suas relações” (ORLANDI, 2013, p. 46).

É necessário destacarmos que, no discurso, não há um sentido literal, mas histórico, ou seja, há relações entre o sujeito e o lugar de onde as palavras são enunciadas, sendo assim, pela discursividade, pode ser considerado o modo como o sujeito produz sentido no discurso, inscrevendo-se na história. Orlandi (2012, p. 43) cita que a discursividade é “[...] a maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele.”.

Ou, dito de outro modo:

A relação da ordem simbólica com o mundo se faz de tal modo que, para que haja sentido, como dissemos, é preciso que a língua como sistema sintático passível de jogo – de equívoco, sujeita a falhas – se inscreva na história. Essa inscrição dos efeitos linguísticos materiais na história é que é a discursividade. (ORLANDI, 2013, p.47)

Compreendemos que o sujeito se submete à língua, a qual é sujeita a falhas, equívocos, e é pelo funcionamento da língua, pelo discurso, que são produzidos os efeitos de sentido. Isso explica o motivo pelo qual os dizeres não produzem um sentido único, transparente, pois o sujeito do discurso, ao se submeter à língua, produz diferentes sentidos, se inscrevendo na história.

Na SD7, veremos o que ocorre no meio das rodas de consumidores do álcool:

SD7 - Então hoje você tomou dois goles, amanhã você pode tomar três ou tomar quatro, você vai tomando, o organismo vai absorvendo aquilo muito bem e aí passam-se muitos anos, até que um dia ele te apresenta a conta, ele diz pra você: Agora quem manda sou eu! É um velho ditado chinês que eu aprendi: primeiro você toma um drinque, depois o drinque toma um drinque, depois o drinque toma você.

É interessante o modo como a posição sujeito, pelo discurso da SD7, se inscreve e descreve os passos percorridos por um alcoólico: *até que um dia ele te apresenta a conta, ele diz para você: Agora quem manda sou eu!* O discurso produz diferentes efeitos de sentido. No início, são de ilusão, de modo que o consumidor visualiza o álcool como uma bebida que trará as melhores sensações, enquanto que o real da história contradiz com o efeito do álcool, uma vez que o sujeito pode vir a ocupar uma posição de dependente, escravo daquilo que se apresentou como algo bom, por um período de tempo.

Outro fator interessante é a repetição das palavras, como no caso do verbo “tomar” flexionado - *toma* - e *drinque*⁴⁴, há um prestígio e uma variação de valores, entre os drinques e as outras bebidas de menores custos, como o “corotinho”. Há, nesta última, preços inferiores. A posição sujeito consumidor do produto também permite depreender diferentes classes sociais, o que nos permite compreender que a bebida citada na SD7 se pauta em um imaginário sobre o lugar de quem enuncia. Assim, a escolha da bebida funciona pelo efeito imaginário como um modo a marcar o status social do sujeito que tem condições financeiras para consumir bebidas de altos valores.

A SD7 nos possibilita traçar o enredamento do sujeito com o consumo de bebida alcoólica. Trata-se de um movimento, processo de subjetivação, de individuação, do sujeito com o consumo. Em Haroche (1992)⁴⁵, temos a noção da constituição da subjetividade. A autora explica que o sujeito é tomado por atravessamentos ideológicos, com isso, o sujeito passa a ser dono de si, livre para fazer suas escolhas, isto é, torna-se o sujeito-de-direito, porém, submisso ao Estado e ao Jurídico. “[...] Esta forma sujeito corresponde, historicamente, ao sujeito do capitalismo, ao mesmo tempo determinado por condições externas e autônomo (responsável pelo que diz), um sujeito com seus direitos e deveres” (Orlandi, 2013, p. 45), isto é, o sujeito passa a ser regido por direitos e deveres, responsável por cada gesto, tendo o direito de fazer o que deseja, mas devendo responder pelo que faz.

Na SD7, temos a posição sujeito como dono de si, determinando sua escolha: *Então hoje você tomou dois goles, amanhã você pode tomar três ou tomar quatro*, mas, em consequência disso, o sujeito tem como dever pagar pela decisão que optou, *você vai tomando, até que um dia ele te apresenta a conta, ele diz pra você: Agora quem manda sou eu!*

Desse modo, vemos que na SD7, mesmo livre, o sujeito é tomado pelo processo de individuação, como o responsável pelas suas ações, ideologicamente, no/pelo discurso. O que se inicia com *um drinque*, no futuro retorna, *o drinque toma você, ou seja, é como se o sujeito fosse fisgado pela formulação* (MOTTA, 2003)⁴⁶.

⁴⁴ Disponível em: <https://gq.globo.com/Noticias/noticia/2018/01/qual-diferenca-entre-drink-e-cocktail.html> Acesso em: 08/11/2018.

⁴⁵ HAROCHE, Claudine. *Fazer Dizer Querer Dizer*. Tradução Eni P. Orlandi. Colaboração Freda Indursky e Marise Manoel. Hucitec, SP. 1992.

⁴⁶ MOTTA, A. L. A. R. O sujeito no discurso ecológico sobre a pesca na cidade de Cáceres Estado de Mato Grosso. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2003.

Nas próximas SD, veremos o modo como se constitui os efeitos do álcool.

SD8 - Eu morava numa casa grande, com jardim de inverno, dois andares, [...] Você entrava nessa casa, você sentia o álcool impregnado nas paredes, nas cortinas, nos tapetes, apesar do tamanho da casa. O meu próprio aspecto também não era dos mais elogiáveis, ou seja, eu já estava completamente anêmico, a vitaminado, amarelo, barbado, [...] a sua cabeça tá te dando recado o tempo inteiro que você precisa dar uma solução aquilo, mas o seu organismo já está no comando a essa altura, não é mais a cabeça e ele é mais forte que você.

Vimos, no discurso da SD8, que, apesar do tamanho da casa, o cheiro do álcool sobressai, *impregnado nas paredes, nas cortinas, nos tapetes*, ou seja, o alcoolismo significa na ambiência, no modo como se diz na SD8, em que o entrevistado relata sobre sua saúde, que se encontrava afetada.

O pronome pessoal – *você* – produz efeitos e direciona a qualquer um, *você entrava nessa casa, você sentia o álcool impregnado nas paredes* , isto é, o termo *você* não caracteriza um distinto sujeito, *você precisa dar uma solução aquilo, ele é mais forte que você* , mas o termo *você* trabalha uma circularidade no discurso.

É interessante observar o modo como são produzidos os sentidos sobre a bebida, no discurso do sujeito da SD8, mesmo com a situação crítica ao redor do sujeito, os efeitos produzidos por ele são outros, o de desejo, sede, necessidade, pelo álcool. Em alguns momentos o sujeito se dá a ler o processo de identificação, *o meu próprio aspecto também não era dos mais elogiáveis* – pela formulação, o sujeito é inscrito numa formação ideológica que mascara os efeitos trágicos que o álcool causa. Ao mesmo tempo, observamos que os dizeres: *a sua cabeça tá te dando recado o tempo inteiro que você precisa dar uma solução aquilo* , movimentam o interdiscurso, uma memória discursiva.

Para Orlandi (2010, p. 18), “O interdiscurso é irrepresentável. Ele é constituído de todo dizer já-dito. Ele é o saber, a memória discursiva. Aquilo que preside todo dizer. É ele que fornece a cada sujeito sua realidade enquanto sistema de evidências e de significações percebidas, experimentadas.” Ou seja, é o interdiscurso que possibilita a repetição os pré-construídos, o reencontro com o já-dito, na medida em que, ao projetar o discurso frente a um novo acontecimento, a memória se reinventa em novas paráfrases e o sujeito, com a ilusão de ser a origem de seu dizer, somente retoma discursos já-ditos em outro lugar.

Observamos a SD9.

SD9 - Pra você realmente conseguir interromper essa situação, tem que ser de repente, tomar um grande susto, eu até tomei alguns, por exemplo, eu comecei a vomitar sangue, [...] vomitava sangue, aí escovava os dentes, limpava tudo bonitinho, não contava pra ela e nem para ninguém [...] Eu preciso ir ao médico, e isso nitidamente tem a ver com a bebida, mas se eu vou ao médico, ele vai me obrigar a parar de beber, e é impossível eu viver sem beber. [...] Eu já estava dependente e não sabia [...].

O sujeito da SD9 ocupa uma posição como aquele que se coloca com conhecimento sobre a questão do alcoolismo, a dependência: *Pra você realmente conseguir interromper essa situação, tem que ser de repente*. O discurso está filiado a uma formação discursiva de que o único meio para o alcoólico desejar ser tratado seria *tomar um grande susto*, mas, ao mesmo tempo, o sujeito pontua essa atitude como não suficiente para interromper o consumo de álcool, afirmando: *eu até tomei alguns, por exemplo, eu comecei a vomitar sangue, [...] aí escovava os dentes, limpava tudo bonitinho, não contava pra ela e nem para ninguém*. Pelo dizer, há efeitos de contradição, de sentidos. Em um primeiro momento, o sujeito se inscreve em uma posição daquele que conhece o alcoolismo, mas, pelo processo de subjetivação, se coloca em outra posição sujeito, aquela refém da bebida alcoólica.

A análise nos permite “[...] compreender que toda unidade se compõe por diferenças que não se dissipam e que se interdeterminam” (LAGAZZI-RODRIGUES, 2013, p. 104). Na formulação, o dependente diz sobre o que é necessário para interromper o consumo do álcool em excesso, porém, em seu exemplo, descaracteriza, pelo discurso, e sentidos outros controversos se colocam.

No discurso da SD9, observamos a posição sujeito, a língua em movimento, o modo de significação do consumo de álcool na vida social, pois há regiões de significação do álcool x sujeito, família. Nos dizeres *vomitava sangue*, percebemos que o alcoolismo é tomado por uma formação discursiva que o retrata como negativo, porém, notamos o modo como o discurso dá pistas que coloca o sujeito em uma posição daquele que se retrai, distancia de um local para possíveis tratamentos, na afirmação: *eu preciso ir ao médico, e isso nitidamente tem a ver com a bebida, mas se eu vou ao médico, ele vai me obrigar a parar de beber*. Este é um modo de individuação do sujeito, em distintas condições de produção.

O discurso produzido pelo alcoólico sobre o médico na SD9 se filia a distintas formações imaginárias, pois temos a imagem que se faz do dependente, em sua posição, mas também a imagem que ele projeta do médico, mobilizando dizeres – *mas se eu vou ao médico, ele vai me obrigar a parar de beber* – que produzem sentidos de imposição, proibição dos prazeres da vida social (*e é impossível eu viver sem beber*).

Outro fator intrigante é que, mesmo com todo o sofrimento enfrentado pelo alcoólico da SD9, o discurso do sujeito produz o efeito de não alcoólico e isso nos remete ao processo de identificação, tal como conceituado por Pêcheux (1997, p. 163)

A interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito); essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apoia-se no fato de que os elementos do interdiscurso (sob sua dupla forma, enquanto pré-construído e processo de sustentação) que constituem, no discurso do sujeito, os traços daquilo que o determina, são reinscritos no discurso do próprio sujeito.

Conforme Pêcheux, o sujeito é constituído pela sua submissão a uma formação discursiva que o determina. Desse modo, a formação discursiva com a qual o sujeito se identifica caracteriza-se por incorporar os elementos do interdiscurso no intradiscurso. É através do esquecimento que o sujeito tem a ilusão de ser a origem do seu dizer. Considerando que cada sujeito se inscreve na formação discursiva que mais se identifica, a que mais o domina, tomamos o discurso da SD9, em que o sujeito se inscreve em uma formação discursiva de não alcoólico, ou seja, a formulação do discurso do sujeito não se pauta em uma identificação de dependência, mas sim num consumidor equilibrado, moderado, *já estava dependente e não sabia*.

Para Orlandi (1998, p. 204), a “[...] identidade não se aprende, isto é, não resulta de processos de aprendizagem [...]”, em outras palavras, o processo de identificação não ocorre de maneira a doutrinar alguém para se identificar ou não com certas posições, da mesma forma não impomos ou ensinamos a nós mesmos com o que nos identificar, pois trata-se de um processo, percurso e movimento em que o indivíduo atravessa para interpelar-se em sujeito.

É interessante observar o modo como o sujeito alcoólico é constituído nos discursos de pessoas próximas, como a família, que produz gesto de interpretação de que o tratamento é relevante para a dependência, conforme veremos na SD10.

SD10 – [...] é impossível você viver com uma pessoa nessas condições, mas ela voltou articulada com um tio dela, que era médico. Ele articulou com ela um plano: [...] ele lá dentro não é burro, ele vai ouvir as coisas, ele vai entender, ele vai saber interpretar o que vai acontecer com ele lá dentro, ele vai ter grandes chances de parar de beber.

Em um primeiro momento, notamos que o discurso da SD10 está relacionado a um pré-construído de que *é impossível você viver com uma pessoa nessas condições*, ou seja, o alcoólico é tomado por uma formação ideológica que se pauta em um ser que transmite todos os efeitos negativos a outra pessoa ou em uma causa e investimento perdido para aqueles que têm esperança e que ajudam na luta contra a doença. Ao levar em consideração que o alcoolismo é uma doença que precisa ser tratada, percebemos o modo como o entrevistado diz: *mas ela voltou articulada com um tio dela, que era médico. Ele articulou com ela um plano: [...] ele vai ter grandes chances de parar de beber*. Esses dizeres instauram novas significações e sentidos de que é possível conviver com um dependente e compreender que o apoio oferecido é de extremo valor para o tratamento, irrompendo, assim, o imaginário do sujeito alcoólico da SD10: *é impossível você viver com uma pessoa nessas condições*.

Notamos as repetições no discurso do médico: *ele lá dentro não é burro, ele vai ouvir as coisas, ele vai entender, ele vai saber interpretar o que vai acontecer com ele lá dentro*. O dizer nos remete ao conceito de formações imaginárias, ou seja, a imagem que o médico tem do que seja um dependente e a imagem que o médico tem do que seja uma clínica de recuperação. Esse jogo de imagens produz efeitos, que nos fazem compreender que o sujeito é produto de uma formação imaginária.

De nossa parte, entendemos, tal como Maluf-Souza (2000, p. 46)⁴⁷, que o sujeito mediado pelo suporte clínico poderá retomar a sua “capacidade de entender, de apreciar, de ter consciência do que é certo e o que é errado”, tendo, nessa direção, a oportunidade de alcançar o objetivo da sobriedade.

Compreendemos que a linguagem não é transparente e que os sentidos não são dados por aquele que enuncia, até porque sabemos que todo discurso é dotado de *efeitos de sentido*, ou seja, os dizeres significam, produzem diferentes efeitos de sentido, assim, pode ser coincidente ou não com o que é esperado pelo sujeito de vontade. Dito de outro

⁴⁷ MALUF-SOUZA, O. As condições de produção dos laudos periciais de indivíduos com suspeição de insanidade mental. 2000. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos de Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2000.

modo, o sujeito não é dono do sentido produzido por seu dizer, pois os sentidos independem de qualquer vontade/intenção do sujeito.

Para Orlandi (1999 p.47), “[...] o sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos”. Daí o fato de a autora dizer que o sentido é construído na relação com o outro, não é de domínio do “eu” nem do “outro”, mas se constrói no espaço discursivo, verificadas as condições de produção e o contexto sócio histórico e ideológico.

Na SD11, observamos o discurso do dependente:

SD11 – [...] eu pensava: poxa, bem que eu poderia aproveitar essa oportunidade e passar lá um mês, desintoxicar, aquela palavra mágica [...] todo mundo acha que resolve, a famosa desintoxicada. Aí eu aceitei, eu topei que ela me levasse.

No discurso da SD11, observamos os atravessamentos de sentidos, modos de significação, formações imaginárias da posição sujeito. O modo como o sujeito se constitui em processos de identificação. É interessante o modo como é projetada a formação imaginária do sujeito sobre o ato de desintoxicação: *eu pensava: poxa, bem que eu poderia aproveitar essa oportunidade e passar lá um mês, desintoxicar*, pois a construção dessa formulação está pautada em um imaginário que determina o período de *um mês* como suficiente para recuperá-lo.

No momento em que o sujeito diz sobre a *aquela palavra mágica* – desintoxicação – percebemos o modo como o sujeito se inscreve em uma formação discursiva que o caracteriza como credor desse termo. Percebemos, também, nos dizeres *aí eu aceitei, eu topei que ela me levasse*, depois o sujeito rotula *todo mundo* como responsável por essa crença, *todo mundo acha que resolve, a famosa desintoxicada*. Esses dizeres mobilizam sentidos de que não só o sujeito do discurso da SD11, mas todos têm a ilusão de acreditar no poder da do termo caracterizada como *palavra mágica*. Teoricamente, entendemos que “[...] os sentidos não estão nas palavras elas mesmas. Estão aquém e além delas” (ORLANDI, 2013, p. 42).

Na SD12, observaremos como a bebida alcoólica se constitui no discurso do dependente.

SD12 - Eu tomei quatro copos maiores do que esse de vodca, que desciam como se fosse água, [...] porque eu achei que isso aí iria me

segurar pelos próximos tempos, eu não tinha ideia que dali a poucas horas, esses quatro copos de vodca já tinham ido, [...] veja bem, o alcoólatra na ativa, ele não tem a oportunidade de sentir o efeito da abstinência por muito tempo, porque ele vai lá bebe e passa.

No discurso da SD12, notamos que o sujeito define o álcool como uma bebida qualquer, e não como uma distinta bebida: *eu tomei quatro copos maiores do que esse de vodca, que desciam como se fosse água*. No discurso da SD11, vimos que o sujeito ocupa a posição de doente, mas, na SD12, ocorrem distintas situações, como o desespero pelo consumo do álcool: *eu tomei quatro copos de vodca [...] porque eu achei que isso aí iria me segurar pelos próximos tempos*, que contradizem a posição tomada pelo sujeito na SD11. Ou seja, o discurso do sujeito na SD12 nos possibilita pensar que o interesse do alcoólico não está direcionado para a abstinência do álcool, como um meio de tratamento da dependência, mas o efeito de sentido produzido pelo discurso é o de preocupação apenas com o tempo que ficará sobre o efeito de abstinência do álcool.

O sujeito, enquanto dependente do álcool, não enfrentava um intervalo para sentir a falta do álcool: *veja bem, o alcoólatra na ativa, ele não tem a oportunidade de sentir o efeito da abstinência por muito tempo, porque ele vai lá bebe e passa*. Compreendemos, pelo gesto de interpretação, que o sujeito se inscreve em uma formação ideológica que mascara os efeitos destrutivos do álcool – *eu não tinha ideia que dali a poucas horas, esses quatro copos de vodca já tinham ido* – que o torna cego diante a posição de estado crítico que ocupa.

Na SD13, analisaremos como a questão da abstinência toma corporeidade pelo discurso daquele que diz.

SD13 - Mas se você está num lugar e não tem bebida, quando bate é um negócio impressionante, porque eu comecei a tremer por fora naturalmente, comecei a tremer por dentro, comecei a perder toda a espécie de sentido de orientação, não conseguia andar em linha reta, depois não conseguia andar direito mais [...].

Na análise da SD11, vimos o modo como o alcoólico produz sentidos sobre a abstinência, dizendo *poxa, bem que eu poderia aproveitar essa oportunidade e passar lá um mês, desintoxicar*. Há uma formação imaginária que se relaciona com sentidos de naturalidade, de que tudo ocorreria rápido, mas, ao analisarmos a SD13, observamos o modo como essa abstinência vai tomando tessitura, textualidade pelo discurso: *eu*

comecei a tremer por fora naturalmente, comecei a tremer por dentro, comecei a perder toda a espécie de sentido de orientação. Remetemo-nos, também, ao discurso da SD7, em que o próprio dependente pontua que *depois o drinque toma você*. Diante desses dizeres, podemos compreender que o sujeito é interpelado a todo instante pelo jogo da significação. Orlandi (2013) constrói uma reflexão em que o sujeito, em uma condição de produção, é afetado pela exterioridade. Podemos observar isso nos discursos sobre a dependência, abstinência do álcool, os quais produzem diferentes gestos de interpretação, que são sempre atravessados por essa exterioridade.

Pelo discurso da SD14, o sujeito se inscreve em uma condição de produção como se tivesse controle sobre as suas vontades:

SD14 - Dos 20 aos 40 eu bebia todo dia, de maneira crescente. Você começa a beber cada dia mais cedo e em maior quantidade. Depois de algum tempo, a dependência se instaura. E você nunca sabe quando vai acontecer, é difícil.

O sujeito da SD14 se inscreve em uma formação discursiva que o constitui como um consumidor, no momento em que diz *eu bebia todo dia, de maneira crescente*. A formação ideológica a qual o sujeito da SD14 está inscrito não determina o tempo de consumo em que a *dependência se instaura*.

Entendemos assim,

As formações ideológicas [...] comportam necessariamente como um de seus componentes uma o mais formações discursivas inter-relacionadas que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc) a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada. (MALDIDIÉ, 2003 p.32)

Dito de outro modo, as formações ideológicas se caracterizam pelas formações discursivas, ou seja, as condições de produção é que direcionam o que pode e deve ser dito. O sujeito da SD 14 se marca ao dizer que *dos 20 aos 40 eu bebia todo dia*. Essa idade temporal funciona como um ciclo que caracteriza o período de consumo pela bebida, assim, o sujeito ocupa uma posição de alcoólico em recuperação, que está sob os efeitos de abstinência, ou seja, o sujeito da SD14 está inscrito em uma formação discursiva, a qual o identifica como um dependente do álcool, porém em um processo que o identifica como um alcoólico em recuperação. Interessante é compreender, pelo

discurso, como o sujeito, na posição de alcoólico em recuperação, é flagrado pela formulação – *depois de algum tempo, a dependência se instaura*.

Em SD15, o sujeito alcoólico diz sobre os efeitos da dependência.

SD15 - Nunca tive ressaca na vida, é quase uma regra para o alcoólatra.

A palavra *regra*, no discurso do sujeito da SD15, está vinculada a uma posição-sujeito que generaliza os *alcoólatras*, como se todos pensassem da mesma maneira e considerassem uma prática seguida por todos, a qual silencia as diferenças ideológicas entre os sujeitos dependentes. Ao analisarmos a palavra *regra*, citada no discurso da SD15, remetemos também ao modo como Pêcheux (2009) trabalha a construção de sentido de uma distinta palavra:

O *sentido* de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “si mesmo” (isto é, em uma relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). (p.146)

Sendo assim, os sentidos das palavras são constituídos por meio da posição ideológica tomada por cada sujeito no momento do discursivo, cujas formações discursivas operam como determinantes dos processos de construção e do processo histórico. Ou seja, o sentido de uma palavra nunca será único, mas pode vir a ser outro à medida que o sujeito se inscreve em uma dada formação ideológica. Em outras palavras, “[...] as palavras, expressões, proposições, etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas” (*op.cit*, p. 147), isto é, as palavras ganham sentidos de acordo com a posição ideológica na qual o sujeito se inscreve, determinado pelo que pode e deve ser dito, produzindo as formações discursivas. Isto significa que os sentidos sempre são definidos ideologicamente, então, pode-se imaginar que a ideologia recorta o interdiscurso, determinando regiões de memória. Ou seja, os sentidos não estão predeterminados na língua, mas se encontram constituídos nas formações discursivas. Sendo assim, a palavra *regra*, não produz um sentido literal no discurso, mas muda de sentido, conforme as posições tomadas por aqueles que a empregam.

Na SD16, analisaremos o modo como as formações discursivas se entrecruzam no discurso.

SD16 – Estou há 29 anos sem beber. Os médicos relataram: ou ele para hoje de beber ou ele não tem mais dois anos de vida. Eu nem sabia que era alcoólatra, achava que bebia porque gostava de beber.

As questões que atribuímos ao recorte da SD16 permitem observarmos a sintaxe e o modo como discurso funciona. Este se filia às distintas posições, regiões de sentidos que nos permitem compreender, pelo gesto de interpretação, a ou b. Isto é, o sujeito do discurso fala do seu lugar: *estou há 29 anos sem beber*, enquanto alcoólico em recuperação, sobre a posição anteriormente ocupada, *eu nem sabia que era alcoólatra, achava que bebia porque gostava de beber*. Trata-se de um sujeito inscrito em uma formação discursiva que o constituía como não alcoólico e do discurso do médico, em *ou ele para hoje de beber ou ele não tem mais dois anos de vida*, produzindo efeitos de sentidos de dependência, doença, no seu discurso.

Assim, os dizeres da SD16 nos possibilitam pensar no efeito de desidentificação, que “[...] se realiza paradoxalmente por um *processo subjetivo [...] de identificação com as organizações políticas “de tipo novo”*” (PÊCHEUX, 2009, p. 202). Conforme o autor, a desidentificação está relacionada ao movimento de ruptura do sujeito da enunciação com a formação discursiva que o domina, causando o deslocamento do sujeito da enunciação para a identificação com outra formação discursiva. Nesse sentido, compreendemos que o discurso da SD16 produz efeitos de desidentificação, pois, nas SDs anteriores, de 6 a 15, a formação discursiva com a qual o sujeito se identifica é a de não alcoólico, mas, ao produzir o discurso da SD16, notamos que ocorre o movimento de ruptura do sujeito do discurso com a formação discursiva que o domina, isto é, ocorre o deslocamento do sujeito do discurso para identificação com outra formação discursiva (*estou há 29 anos sem beber*), a de alcoólico em recuperação.

O deslocamento de uma formação discursiva para outra nos mostra as diferenças de uma posição sujeito para outra. Para Orlandi (1999, p. 17), “[...] o sujeito, na análise de discurso, é posição entre outras, subjetivando-se na medida mesmo em que se projeta de sua situação (lugar) no mundo para sua posição no discurso. Essa projeção-material transforma a situação social (empírica) em posição-sujeito (discursiva)”. Diante dessa compreensão, podemos dizer que, entre os alcoólicos, há as distintas posições

discursivas, há aqueles que ocupariam outra posição, e, assim, produziriam outros sentidos.

Na SD17, o sujeito diz sobre o preconceito.

SD17 – Existe um preconceito com o alcoolismo até hoje.

O discurso instala um modo de dizer sobre o preconceito que, pelo movimento da linguagem, filia sentidos de que o preconceito pode estar instaurado tanto nos sujeitos do convívio com o alcoólico quanto nos de fora.

Os recortes analisados, nesta pesquisa, nos possibilitaram observar que o sujeito, enquanto dependente do álcool, produz efeitos de sentido que pontuam sobre o preconceito contra si mesmo. Compreendemos que o sujeito é atravessado por uma rede discursiva, que o inscreve em uma dada memória discursiva, a qual determina o saber discursivo do sujeito, que retorna o já-dito de outro lugar.

Nessa direção, considerando que o objetivo da análise de discurso “é explicitar como um texto produz sentido” (Orlandi, 2012, p. 23), nos propomos a trabalhar com a questão do alcoolismo, especificamente com os discursos sobre a dependência do álcool, analisando os efeitos de sentido produzidos sobre/para o alcoólico, em seus próprios depoimentos.

Em suma, entendemos, na trajetória de leitura, o modo como o discurso constitui o texto. Este, não é uma unidade fechada, há sempre outros sentidos emergindo e significando, isso porque a língua tem seu funcionamento inscrito na história, então, a partir do gesto de interpretação, é possível romper os efeitos de transparência da língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a pesquisa, deparamo-nos com um material denso sobre o discurso do alcoólico, o que elegemos como *corpus* para análise, com fins de compreender a língua, o sujeito, pelo gesto de interpretação.

Diante do estudo sobre o alcoolismo, percebemos que há distintos movimentos entre antes e após a revolução industrial, ou seja, têm-se condições de produção distintas, pois diferentes são as questões políticas, religiosas, sociais, que constituem o mundo. O álcool, enquanto bebida, carrega o elo oscilante das suas condições de produção, permitindo-nos dizer de distintas posições sujeito, enquanto modos de subjetivação na língua. Ao dizer, o indivíduo passa a se marcar de forma ideológica, histórica e simbólica, constituindo-se como sujeito.

A pesquisa nos permitiu mostrar, pelas análises, como o discursivo funciona nas produções de língua(gem). A imbricação entre diferentes dizeres, materialidades discursivas, nos proporcionou observar o modo como o sentido se constitui pelo movimento da língua. Constatamos que realizar a construção de uma análise constitui-se como um trabalho intenso, pois, ao selecionarmos os depoimentos, como objeto de análise, nos comprometemos, como analistas de discurso, em compreender, pelo discurso do alcoólico, o modo como a língua, base dos processos discursivos, é colocada em funcionamento.

Assim, durante o período de estudo, atravessamos um grande percurso de leituras e reflexões sobre o funcionamento da língua(gem), vimos como a linguagem é atravessada pelo histórico, constituindo sujeito e sentido. É esse jogo da linguagem, enquanto conjunto de possibilidades, que permite ao sujeito a interpretação.

Ressaltamos que o conceito de sujeito, condição de produção, formação imaginária, discursiva e a noção de processo de identificação foram essenciais para compreender o modo como se dá a constituição dos sujeitos e de sentidos nos discursos dos depoimentos analisados. Tivemos a oportunidade de ver como o sujeito alcoólico é constituído na relação com outro alcoólico, com a ciência, com a Instituição dos AA, com a família, com a sociedade e consigo mesmo, e que ao falar de si, inscreve seu dizer em uma dada formação discursiva, relativa a uma formação ideológica, produzindo efeitos de sentido para os outros e para si mesmo.

Averiguamos que os discursos sobre dependência produzem diferentes efeitos de sentido e fez/faz funcionar gestos de resistência, desde o momento em que o alcoolismo

foi descoberto como doença, e vigorou de fato, no Brasil, até os tempos posteriores, nos quais sua memória ainda produz efeitos.

Nos discursos analisados, vimos o entrecruzamento das projeções imaginárias sobre a dependência do álcool, entre elas, há uma formação imaginária dominante, a de preconceito, inscrita por posições de sujeitos alcoólicos.

Orlandi (2012) diz que o sujeito é interpelado a todo o momento pelo jogo da significação, “[...] é preciso fazer intervir a relação com a exterioridade, ou seja, compreendermos a sua historicidade, pois o repetível a nível do discurso é histórico e não formal” (p. 29). Ressaltamos que é por meio desse atravessamento da exterioridade que o sujeito produz seus discursos sobre a dependência. É pelo discurso que podemos compreender o modo de funcionamento da língua e como a história se significa e constrói sentidos.

Concluimos, após as análises dos discursos, materializados nos depoimentos, que um estudo baseado na teoria da Análise de Discurso propicia compreender o modo como a língua produz sentidos, em distintas condições de produção, de modo que a interpretação se constituiu no entrecruzamento da língua em descrição e interpretação no movimento do gesto teórico e analítico. O conceito de interpretação nos possibilitou observar o discurso na materialidade simbólica e produzir, pelas leituras e questionamentos, nossos gestos de interpretação. É justamente sob esse prisma que podemos compreender o processo de identificação do sujeito alcoólico, ou seja, como ele se significa e é significado no seu espaço de dizer. Vimos que, “as condições de produção estão presentes nos processos de identificação dos sujeitos trabalhados nos discursos e as identidades resultam desses processos de identificação” (Orlandi, 2014, p. 41), assim, a análise do *corpus* nos possibilitou compreender, a partir das condições de produção do discurso, o modo como sujeito e sentidos se constituem, constroem sua identidade.

Este trabalho nos proporcionou a compreensão e, ainda, permanece movendo questionamentos sobre a relação entre o sujeito, a língua, a história em distintas materialidades. Os efeitos de sentido direcionam-nos a novas análises, nas quais poderemos aprofundar nossa reflexão teórica sobre a língua, sobre o sujeito e sobre a história. Orlandi (2012) diz que “o gesto de interpretação se dá porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude, pela relação com o silêncio. A interpretação é o vestígio do possível. É o lugar próprio da ideologia e é ‘materializada’ pela história” (p. 18). Desse modo, compreendemos que um mesmo objeto analisado poderá produzir

outros efeitos de sentido futuramente, ou seja, as condições de produção possibilitam novos sentidos a respeito de um mesmo objeto. Assim, não definimos este trabalho como encerrado, mas como um percurso para novos estudos.

Tivemos, por este estudo, a oportunidade de vislumbrar o quão múltiplo é o trajeto pelo qual uma análise pode seguir, apresentando direções surpreendentes ao analista. O *corpus* dá-nos consentimento para buscar compreendê-lo, fazendo-nos admirar cada efeito de sentido, equívocos, contradição, os quais nos mostram que é o dispositivo teórico da Análise de Discurso que oferece uma análise ampla, sem estreitamento de olhares, direcionando, nós analistas, a continuar a perseguir o caminho da pesquisa, que nos leva até mundos discursivos de (im)possibilidades.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**. Tradução: Joaquim José de Mora Ramos. Lisboa, Editora presença, 1974.

BARBOSA, Emerson. **Alcoolismo: o que é, sintomas, tratamento, medicamentos, tem cura?** 2017. Disponível em: <https://minutosaudavel.com.br/alcoolismo-o-que-e-sintomas-tratamento-medicamentos-tem-cura/#causas> Acesso em: 09 nov. 2018.

BENVENISTE, Emile. **Problemas de linguística geral I**. 3ª ed. Campinas, SP: Pontes Editora, 1989.

BERNARDINO, Cibele Gadelha. **Depoimento dos alcoólicos anônimos: um estudo do gênero textual**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2000.

BORGES, Águeda Aparecida Cruz. Identificação/Subjetivação do Índio Xavante na cidade de Barra do Garças/MT – Alteridade Irredutível? *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 6., 2009, João Pessoa. **Anais eletrônicos**. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/%C3%81gueda%20Aparecida%20da%20Cruz%20Borges.pdf Acesso em 27 mai. 2019.

BRASIL. Lei nº 11.705, de 19 de junho de 2008. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, 2008. Disponível em: <http://www2.planalto.gov.br/> Acesso em: 05 jun. 2019.

_____. **Lei nº 9.503, de 23 de setembro de 1997**. Instituiu o Código de Trânsito Brasileiro. Presidência da República Casa Civil. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9503.htm Acesso em: 05 jun. 2019.

CASTRO, Kika. **Depoimentos emocionantes sobre o alcoolismo**. Disponível em: <https://kikacastro.com.br/2016/07/07/depoimentos-sobre-alcoolismo/#more-12282> Acesso em: 20 jun. 2018.

CRUZ, Luiz Antonio. **3,3 milhões de pessoas morrem todos os anos pelas consequências do álcool no mundo, diz OMS**. Disponível em: <http://www.alcoolismo.com.br/33-milhoes-de-pessoas-morrem-todos-os-anos-pelas-consequencias-do-alcool-no-mundo-diz-oms/> Acesso em: 04 jun. 2018.

_____. **Drunkorexia: quando o álcool é usado para emagrecer**. Disponível em: <http://www.alcoolismo.com.br/drunkorexia-quando-o-alcool-e-usado-para-emagrecer/> Acesso em: 15 jul. 2018.

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. **A língua inatingível**. Tradução: Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas, Editora RG, 2 ed., 2010.

GARATTONI, Bruno. **Dez mil anos de Pileque – a história da bebida.** 2008. Disponível em: <https://super.abril.com.br/saude/dez-mil-anos-de-pileque-a-historia-da-bebida/> Acesso em: 25 out. 2018.

HAROCHE, Claudine. **Fazer Dizer Querer Dizer.** Tradução: Eni Orlandi. Colaboração: Freda Indursky e Marise Manoel. Hucitec, SP: 1992.

HENRY, Paul. **Discurso Fundador:** a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas, SP: 1993.

LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. **A imagem do corpo no foco da metáfora e da metonímia.** Vitória da Conquista, v. 2, n. 1, p. 104-110, 2013.

_____. **Entre telas e escritos.** Um pouco de Carme. Passo Fundo, v. 12, n. 1, p.11-20, 2016.

_____. **O desafio de dizer não.** Campinas, SP: Pontes. 1988.

_____. “Paráfrase da imagem e cenas prototípicas: em torno da memória do equívoco”. In: FLORES, G.; NECKEL, N.; GALLO, S. (Org.). **Análise de Discurso em Rede:** Cultura e Mídia. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 177-189, 2015.

MACHADO, C. S. *et al.* **Trabalhos acadêmicos na Unisul:** apresentação gráfica. 2. ed. rev. e atual. Palhoça: Ed. Unisul, 2013. Disponível em: http://www.unisul.br/wps/wcm/connect/daac2693-5844-4aa1-84da-a992a3846b25/livro_trabalhosacademicosunisul_biblioteca_2013.pdf?MOD=AJPERE. Acesso em: 13 jul. 2019.

_____. **Veja as principais mudanças na norma NBR 6023/2018.** Disponível em: http://www.unisul.br/wps/wcm/connect/2bc8f9db-1f6e-4cd6-a9a1-ba554854d254/tabela_principais-mudancas-TAU-NBR-6023_biblioteca.pdf?MOD=AJPERES Acesso em: 13 jul. 2019.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso:** (re)ler Michel Pêcheux hoje. Campinas, SP: Pontes, 2003.

MALUF-SOUZA, Olimpia. **Vozes urbanas:** gestos de pertencimento nos espaços simbólicos da cidade. 2004. Tese (Doutorado em Linguística)–Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

MARIANI, Bethania. Um imaginário e outros. In: GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F.(Orgs). **A Análise do discurso e sua história:** Avanços e perspectivas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

MOTTA, Ana Luiza Artiaga Rodrigues da. **O sujeito no discurso ecológico sobre a pesca na cidade de Cáceres Estado de Mato Grosso.** 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística)–Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 6ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

_____. Identidade lingüística escolar. *In: Língua(gem) e identidade*. SIGNORINI, I. (Org.) Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

_____. (Org.). **Discurso e Políticas Públicas Urbanas** – A fabricação do consenso. Campinas: Editora RG, 2010.

_____. **Introdução às ciências da linguagem** – Discurso e textualidade. ORLANDI, E.; LAGAZZI-RODRIGUES, S.. (Orgs.) 2 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

_____. “A incompletude do sujeito e quando o outro somos nós?” *In: ORLANDI, E. et al. Sujeito e texto*. Cadernos PUC, São Paulo: Unicamp, 1988, p. 6-16.

_____. **Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2008.

_____. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2013.

_____. **Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia**. Campinas: Pontes, 2012.

_____. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

_____. “Efeitos do verbal sobre o não-verbal”. *In Rua: Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da UNICAMP – NUCREDI*. Campinas, SP, Nº.1, março 1995.

_____. **Sentidos em fuga: efeitos da polissemia e do silêncio**. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u0Y2KGVkm9U> Acesso em: 06 fev. 2019.

PÊCHEUX, Michel. “Papel da Memória”. *In ACHARD, P. Papel da Memória*. Tradução: José Horta Nunes. 3ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

_____. (1979) Foi “Propaganda” Mesmo que Você Disse?. Trad. Eni Orlandi. *In: Análise de Discurso* – Michel Pêcheux. Textos selecionados por Eni Orlandi. Campinas: Pontes, p.73-92, 2015.

_____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni P. Orlandi [et al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

_____. (1983) **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2006.

_____. [1969]. Análise Automática do discurso. *In: GADET, F. e HAK, T. Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

SALES, Eliana. Aspectos da história do álcool e do alcoolismo no século XIX. **Cadernos de História UFPE**, Recife, v. 7, n. 7, p. 167-203, 2010. Disponível em:

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernosdehistoriaufpe/article/view/110065/21988>
Acesso em: 24 out. 2018.

SILVA, Erisvânia Gomes da. G. **Os sentidos de proibição, prevenção e conscientização sobre o uso de drogas no Brasil nos discursos da Lei 11.343.** 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística)–Universidade Estadual de Mato Grosso, Cáceres, 2015.

SOUZA, Felipe de. **Alcoolismo: história da doença, definição atual e diagnósticos.** 2011. Disponível em: <https://www.psicologiamsn.com/2011/11/alcoolismo-historia-da-doenca-e-definicao-atual-e-diagnostico.html> Acesso em: 12 set. 2018.

POLINE, Tábata. **3,3 milhões de pessoas morrem todos os anos pelas consequências do álcool no mundo, diz OMS.** 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/33-milhoes-de-pessoas-morrem-todos-os-anos-pelas-consequencias-do-alcool-no-mundo-diz-oms.ghtml> Acesso em: 20 jul. 2018.

VARELLA, Drauzio. **Fases de evolução do alcoolismo.** 2011. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/drauzio/artigos/fases-de-evolucao-do-alcoolismo-artigo/> Acesso em: 24 jul. 2018.

Disponível em: <https://passeamensagem.wordpress.com/2017/08/24/dezembro-de-1952-o-primeiro-estatuto-de-a-a-no-brasil/> Acesso em: 10 jul. 2017.

Disponível em: <https://passeamensagem.wordpress.com/2013/03/29/aspectos-historicos-de-a-a-no-brasil/> Acesso em: 12 jul. 2017.

Disponível em: <https://alcooicoempaz.wordpress.com/> Acesso em: 31 jan. 2018.

Disponível em: <https://gshow.globo.com/tv/noticia/pedro-bial-discute-o-alcoolismo-no-brasil-que-consume-40-a-mais-de-bebida-que-o-mundo.ghtml> Acesso em: 18 jul. 2018.

Disponível em: <https://www.aa.org.br/index.php/sobre-o-a-a/categorias/sobre-a-a/39-quem-somos> Acesso em: 17 set. 2018.

Disponível em: <http://www.grupotranquilidade.com/dp---a-mascara-caiu-no-1o-encontro> Acesso em 02 jun. 2017.

Disponível em: <https://www.aa.org.br/membros/index.php/comites/cto-trabalhando-com-os-outros/232-como-por-em-pratica> Acesso em: 05 jul. 2017.

Disponível em: <https://www.aa.org.br/membros/index.php/comites/cto-trabalhando-com-os-outros/231-finalidade-do-c-t-o> Acesso em: 17 set. 2018.

Disponível em: <https://minutosaudavel.com.br/alcoolismo-o-que-e-sintomas-tratamento-medicamentos-tem-cura/#causas> Acesso em 06 nov. 2018.

Disponível em: <https://www.aa.org.br/index.php/sobre-o-a-a/categorias/principios-de-a-a/47-os-doze-passos> Acesso em: 07 fev. 2019.